

MARCELLE MALDONADO FERREIRA

A NARRATIVA DO COTIDIANO NAS NOTÍCIAS:
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS JORNAIS POPULARES

Rio de Janeiro

2006

MARCELLE MALDONADO FERREIRA

A NARRATIVA DO COTIDIANO NAS NOTÍCIAS:

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS JORNAIS POPULARES

UFRJ - Graduação em Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo

Orientadora: Raquel Paiva
Doutora em Comunicação Social

Rio de Janeiro
2006

A NARRATIVA DO COTIDIANO NAS NOTÍCIAS: Construção de Sentidos nos Jornais
Populares

Marcelle Maldonado Ferreira

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovada por:

Prof. Raquel Paiva - Orientadora

UFRJ - ECO

Prof. Muniz Sodré

UFRJ - ECO

Prof. Paulo Vaz

UFRJ - ECO

Rio de Janeiro

2006

808
F383

Ferreira, Marcelle Maldonado.

A Narrativa do Cotidiano nas Notícias: Construção de Sentidos nos Jornais Populares / Orientador: Raquel Paiva. ECO/UFRJ, 2006.

Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ - Escola de Comunicação, ECO, 2006.

1. Análise da Narrativa. 2. Narrativa Jornalística. 3. Jornal O Dia. I. Paiva, Raquel (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, pelo amparo, pelo cuidado e pela força, que iluminam a minha vida nas horas mais desesperadoras e me levam por um caminho certo, mesmo com todas as atribulações.

À minha família, pela confiança e pelo apoio, sem os quais eu jamais teria conseguido chegar até aqui.

A meus pais, por tudo: o amor, a amizade, a paciência e os sacrifícios. Por serem o meu porto seguro em todos os momentos, o meu motivo de maior orgulho e meus exemplos de vida.

A meu avô, que sempre acreditou em mim, e que mesmo não acompanhando de perto essa caminhada, de alguma forma, está sempre ao meu lado.

À Raquel Paiva, orientadora paciente e incentivadora em muitos momentos.

À Érica, Sheila, Daniel e Clara pela amizade intrinsecamente prosaica durante esses quatro anos, materializada em tardes de alegria e comilança e em conversas sempre muito produtivas na internet.

À Bárbara, Renata e Alexandre, meus amigos-irmãos de todas as horas, sempre confiantes e pacientes, dispostos a ajudar e compreendendo todas as excentricidades – que não são poucas.

A Caio e Hugo, minhas pequenas doses de alegria diárias, pelos momentos de descontração nas horas mais difíceis e pela força que me faz querer prosseguir.

A todos os amigos que agüentaram as reclamações, o mau humor, as ausências e as insanidades que surgiram ao longo desse caminho.

FERREIRA, MARCELLE. *A Narrativa do Cotidiano nas Notícias: Construção de Sentidos nos Jornais Populares*. Orientadora: Raquel Paiva. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Monografia (Graduação em Jornalismo)

RESUMO

Como uma fonte de informação, o jornalismo impresso busca estratégias e técnicas para cumprir a função de informar e para competir com os outros meios de comunicação, que inovam o cotidiano dos homens e estabelecem mudanças sócio-culturais. Este projeto analisa o uso da narrativa do cotidiano na produção de notícias nos jornais atuais, especialmente em impressos populares. Essas notícias publicadas durante dias ou semanas seguidos compõem uma seqüência narrativa que utiliza tanto elementos jornalísticos e literários, quanto elementos reais e míticos presentes na sociedade. Dessa forma, a monografia pretende verificar como as notícias podem reiterar valores culturais e também modificar os padrões de sociabilidade, refletindo o mundo contemporâneo e situando os homens na realidade social. Através da análise da narrativa, o trabalho procura identificar os elementos que colaboram para formar as contradições presentes nas notícias, para organizar a estrutura textual através da recorrência temática e, conseqüentemente, para a produção de sentidos. Além disso, o projeto analisa como um jornal popular utiliza essa estrutura narrativa seqüencial, com o objetivo de informar e seduzir os leitores, mantendo a credibilidade e garantindo o público leitor diário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. NARRATIVAS E NARRADORES	05
2.1. Os homens e a comunicação - dinâmica social	05
2.2. Narrativa, Romance e Informação em Benjamin	11
2.3. Narrador, Romancista e Repórter	16
3. NARRATIVA JORNALÍSTICA	20
3.1. Transformações na Imprensa e nas Técnicas de Produção Textual	20
3.2. Fato e Notícia: matéria-prima e produção jornalística	27
3.3. Estrutura da Notícia - literatura, <i>lead</i> e novas técnicas textuais	33
3.4. A Narrativa do Cotidiano nas Notícias	40
4. ANÁLISE DO JORNAL O DIA	47
4.1. Panorama histórico do jornal O Dia	47
4.2. Análise de Notícias	49
4.2.1. A morte do traficante Bem-Te-Vi	50
4.2.2. A falsificação dos vales-transportes eletrônicos	53
4.2.3. O julgamento de Suzane Von Richtofen e dos irmãos Cravinhos	56
5. CONCLUSÃO	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

A interferência da comunicação na dinâmica social e as influências das invenções dos homens diante do processo comunicativo são fundamentais para entendermos as transformações sócio-culturais no processo histórico que nos cerca. Discutir como a comunicação é utilizada pelos homens para transmitir informações, conhecimentos, sabedoria e valores culturais – especialmente através da produção de notícias em uma estrutura de narrativa seqüencial nos jornais impressos – é o objetivo deste trabalho.

A comunicação foi se transformando ao longo dos séculos e se tornou parte indispensável do cotidiano dos homens, criando entre os indivíduos uma relação de emissores e receptores, que foi substituída por uma relação entre interlocutores, uma vez que os meios de comunicação possibilitam um fluxo de informações cada vez maior, facilitando a comunicação e acelerando as respostas dos interlocutores. Esse trabalho procura entender como o jornalismo impresso, através das narrativas do cotidiano, tenta inserir os homens na sociedade, informando-os sobre os assuntos do mundo em que vivem e refletindo suas realidades. Ao mesmo tempo, essas narrativas seqüenciais situam os homens em um contexto social, criando e reiterando a memória e os valores coletivos.

Na primeira parte do trabalho, analisaremos como a comunicação transformou a sociedade (desde a oralidade, passando pela invenção da escrita e chegando aos textos virtuais), e como as grandes invenções e a informatização auxiliaram a criação e o desenvolvimento dos meios de comunicação. As Revoluções Industrial e Tecnológica deram impulso para que os meios de comunicação se expandissem pelo mundo, transformando a rotina dos homens e a percepção da realidade. Perceberemos que as linguagens utilizadas pelos meios de comunicação também se transformaram, se adequando às necessidades dos homens e aos momentos históricos.

Para isso, temos como base o estudo de Walter Benjamin e suas diferenciações de três gêneros textuais importantes e que estão ligados às mudanças sócio-culturais: a narrativa, o romance e a informação. A narrativa tem início ainda na tradição oral e valoriza a experiência dos homens, que é transmitida como um ensinamento moral ou um conselho e que deve ser apreendido e repassado para cada vez mais indivíduos. As

histórias reais são misturadas a mitos impregnados nas sociedades e propagadas como sabedoria, e devem ser contadas e recontadas, agregando novas experiências. Com a utilização dos livros e da ascensão da burguesia, os romances passaram a suprimir as experiências da narrativa, pois eles tinham o poder de criar situações e acontecimentos que não estavam presentes na realidade dos homens. Os romances surgiram para substituir as experiências pobres do cotidiano dos homens, repleto de misérias e violência, e possibilitavam que os indivíduos buscassem, através de suas histórias, um sentido para a vida ou um conforto diante de tanto sofrimento. No entanto, vamos perceber que o declínio da narrativa clássica aconteceu em virtude do surgimento da informação jornalística. Através dessas informações, os homens deslocaram a experiência para o campo da observação, os conhecimentos mitificados para as explicações precisas e as trocas subjetivas para a objetividade que é construída na produção jornalística. Veremos que assim como houve uma modificação nas formas de transmissão de experiências, as figuras dos narradores também se modificaram, os narradores sábios foram substituídos pelos sujeitos que detêm mais informações.

Nesse caminho, vamos analisar, na segunda parte deste trabalho, como a imprensa – em especial o jornalismo impresso – colaborou para alterar a organização das sociedades, e como ela foi modificada pelos homens, através de técnicas, estruturas e mediações tecnológicas. O processo de desenvolvimento da imprensa, dos novos meios de comunicação e da modificação da estrutura dos textos se relaciona com as transformações sociais e as necessidades comunicativas dos homens em diferentes momentos históricos. A profissionalização dos jornalistas e a modernização das empresas jornalísticas ajudaram a criar uma sociedade que consome notícias a todo o momento e que torna a informação jornalística um produto cultural necessário e imprescindível à rotina dos homens modernos.

Perceberemos que o jornalismo passou por uma fase de profissionalização, exigindo o uso de técnicas que dessem credibilidade e respeitabilidade a essa produção de notícias, valorizando os conceitos de objetividade e neutralidade, que tentariam tornar o jornalismo isento de marcas de subjetividade e escolhas, conforme as linhas editoriais dos jornais e marcas pessoais dos jornalistas. Autores como Nilson Lage e Mário Erbolato foram importantes para a explicação das mudanças na técnica e nas estruturas organizacionais das notícias, tanto por razões tecnológicas, quanto por

escolhas profissionais. A técnica conhecida com *lead* passou a ser utilizada em todos os impressos que desejavam alcançar um distanciamento dos fatos e confiabilidade nos leitores. O *lead* apresenta a informação de acordo com a importância que ela tem no respectivo fato, diferenciando-se da narrativa, que mostra o fato em sua ordem cronológica. Mesmo com todas as técnicas recomendadas pelos manuais de jornalismo e exigidas nas redações dos jornais, devemos entender que as notícias são um produto cultural que utilizam a linguagem para relatar e construir um acontecimento. Além disso, a proximidade entre jornalismo e literatura também marca a produção das notícias, e mesmo como uso das técnicas que criam um distanciamento entre o jornalista e o fato, o jornalismo busca formas de atrair e cativar os leitores através de características literárias disfarçadas.

Com a competição criada por outros meios de comunicação, o jornalismo impresso tem a necessidade de seduzir o público leitor e torná-los fiéis às publicações e, para isso, utilizam determinadas características que não são típicas do jornalismo direto e objetivo – especialmente os jornais mais populares. Neste trabalho, discutiremos o uso de narrativas jornalísticas para construir sentidos, demonstrando as ambigüidades entre o real e o fantasioso presentes nas notícias. Essas narrativas do cotidiano são publicadas de forma sequencial e construídas gradativamente ao longo de dias ou semanas, através de cenários, de personagens e de uma trama. Para que sejam analisadas enquanto narrativas, elas devem ser reunidas e identificadas como um texto maior, que conservam características das narrativas clássicas e apresentam discursos simbólicos e valores sociais. Com essa construção textual seriada e a possibilidade de usar uma linguagem literária, os jornais provocam a curiosidade dos indivíduos e conquistam a fidelidade dos leitores.

Nesta análise, autores como o professor Luiz Gonzaga Motta, que estudam e pesquisam formas de entender as estruturas presentes nas narrativas, foram decisivos para a formulação deste trabalho. A metodologia aplicada para identificarmos as narrativas do cotidiano é a análise de conteúdo – a narratologia, associada a outras teorias textuais, como análise de discurso. Devemos perceber que através das notícias sequenciais nos jornais impressos é possível construir uma grande narrativa do cotidiano que apresenta características objetivas e subjetivas e também, discursos simbólicos e valores sociais.

Para exemplificar a narratologia no jornalismo impresso e enriquecer o trabalho, a terceira parte deste será dedicada à análise de notícias do jornal O Dia, na qual utilizaremos as características e determinações da análise da narrativa, para identificarmos essas construções narrativas sequenciais. Um breve panorama histórico desse jornal carioca nos mostra como diversas mudanças foram feitas na tentativa de apagar as características populares e sensacionalistas que o consagraram, tornando-o um jornal mais sério e respeitado. Essas mudanças feitas na diagramação e no estilo de produção de notícias visam conquistar um público nas classes mais altas, apresentando notícias que interessam a um número maior de indivíduos e que valorizam o cotidiano da sociedade.

A construção da narrativa do cotidiano será observada e analisada em três blocos de notícias: o assassinato de Bem-Te-Vi, traficante de drogas e chefe de um grupo criminoso na favela da Rocinha no Rio de Janeiro; a denúncia das fraudes nos cartões eletrônicos de vale-transporte também no Rio de Janeiro e o julgamento de Suzane Von Richthofen e dos irmãos Cristian e Daniel Cravinhos, acusados de planejarem e executarem o casal Marísia e Manfred Von Richthofen. Os três assuntos se referem à violência e corrupção, temas que são recorrentes nas páginas dos jornais, utilizando características subjetivas na construção desses fatos e provocando comoção e indignação nos leitores.

A polêmica na aceitação das notícias como construções da realidade, as dificuldades de conceituar as técnicas e estruturas jornalísticas em constante modificação – em função da competição com os novos meios de comunicação – e o curto tempo disponível para o acompanhamento das notícias tornam esse trabalho uma análise geral sobre a influência do jornalismo impresso no cotidiano das pessoas e sobre o uso das narrativas jornalísticas para construir a realidade. No mundo atual, a invenção de novas mídias que facilitam e aprimoram o processo comunicativo obrigam os periódicos a buscarem na literatura e na narrativa, os recursos necessários para que eles ainda estejam presentes no cotidiano dos homens, transmitindo informações e valores simbólicos e influenciando significativamente na dinâmica social.

2. NARRATIVAS E NARRADORES

Através das narrativas tecidas cotidianamente os homens estabelecem justificativas e finalidades. Elas são um caminho profícuo para nos dizer da experiência: trabalho dos homens para fazer do mundo o seu mundo.¹

A interferência da comunicação e as diferentes formas de transmissão das experiências dos homens são importantes para compreendermos as mudanças sociais e a inserção dos indivíduos em suas realidades. Para que essa troca de experiências ocorresse, os homens utilizam estruturas narrativas, que podem ser construídas através de dados factuais ou fictícios, de acordo com a subjetividade e as intenções dos interlocutores. No entanto, independente do estilo narrativo escolhido, as sociedades sempre tiveram a necessidade de contar e recontar as histórias, criando um processo comunicativo cíclico que influencia e transforma a dinâmica social.

2.1. Os homens e a comunicação - dinâmica social

A comunicação sempre exerceu um papel importante na relação entre os homens e no desenvolvimento das sociedades, pois é em consequência da troca de mensagens, conhecimentos e informações, que os homens transformam o mundo em que vivem. Todas as formas de comunicação auxiliam na construção de uma vida social, e também se constituem e se modificam pela ação dos indivíduos. A existência de emissores e receptores (atualmente chamados de interlocutores) e a capacidade desses sujeitos de produzirem discursos distintos de acordo com as suas realidades tornam a comunicação uma prática sócio-cultural complexa e fundamental para o desenvolvimento das sociedades.

Através do engajamento nas atividades coletivas, desenvolvidas socialmente, os homens criam vínculos e identidades. Podemos perceber que ao mesmo tempo em que os homens trocam informações, eles se sociabilizam nesse processo comunicativo contínuo, através de suas diversas modalidades; criando, mantendo e renovando crenças e padrões de comportamentos. Dessa forma, o termo comunicação pode ser entendido

¹ FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. “Narrativas Midiáticas e Experiência Estética”. In: *Ícone - Programa de Pós-Graduação em Comunicação* / Universidade Federal de Pernambuco - Volume 3, n.º5. Recife: Editora Contraluz, 2004. P.125.

como “o processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência”.² A efetivação dessa comunicação e a conseqüente ordenação da vida social se concretizam em um universo compartilhado entre os indivíduos, que exercem influência no mesmo. A comunicação atualiza e transforma esse universo, através das práticas midiáticas ou da conversação cotidiana, e da multiplicidade das narrativas, cada vez mais presentes na experiência comunicativa dos homens. Uma definição mais específica seria a seguinte: “(...) a comunicação é uma intervenção, um tipo de prática social, inserida em um contexto imediato e em quadros sócio-históricos particulares, realizada a partir da co-presença de sujeitos interlocutores e de uma produção discursiva”.³

Breve histórico

Uma das mais remotas formas de comunicação humana aconteceu quando os chamados “homens das cavernas” utilizaram a comunicação visual nos seus desenhos rústicos dos animais que eles caçavam. Não se pode afirmar qual o objetivo real desses desenhos, mas acredita-se que eles poderiam ser utilizados para transmitir alguma sabedoria, representação ou mistificação daqueles homens com o seu cotidiano – sua relação com o ato de caçar –, o que demonstra um modo encontrado por eles de se comunicarem. Com o desenvolvimento da oralidade, a comunicação se estabeleceu por meio da linguagem e os homens criaram um meio de transmitir suas experiências de gerações em gerações, um fenômeno social que os diferenciava dos outros seres vivos. As experiências foram transmitidas de homens a homens e os mais velhos e, portanto, mais experientes e mais sábios, narravam suas vivências e serviam de modelos para os mais jovens. Essas narrativas, através da tradição oral, podem ser observadas desde os contos de fadas das sociedades medievais européias, até as lendas das tribos indígenas na América.

Quando a forma escrita passou a ser desenvolvida, muitas mudanças ocorreram nas formas de comunicação e nos relacionamentos sociais. A sabedoria que era

² MARTINO, Luiz C. “De qual comunicação estamos falando?” In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (org.) *Teorias da Comunicação. Conceitos Escolares e Tendências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, pp.14,15.

³ FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. “Narrativas Midiáticas e Experiência Estética”. In: *Ícone - Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Federal de Pernambuco - Volume 3, n.º5*. Recife: Editora Contraluz, 2004, p.122.

transmitida pela oralidade pôde ser registrada e divulgada, de uma forma mais padronizada, a todos que tivessem acesso à escrita, diminuindo as interferências e mudanças que existiam em um saber que fosse dado pela fala. Podemos dizer que um texto único substituiu as diversas versões de uma mesma narrativa mitológica de um grupo social. A escrita é um meio de transmissão de conhecimento que pode atingir um grande número de pessoas – que tenham acesso ao mesmo código lingüístico, em espaços cada vez mais distantes, podendo permanecer inalterada através do tempo.

Para que ela pudesse ser perpetuada através do espaço e do tempo, os homens criaram regras, técnicas e estilos na produção da escrita, que tentam demonstrar as sensações diretas dos interlocutores e reproduzir os contextos nos quais a comunicação ocorreu. O jornalista e professor Nilson Lage afirma que “essas regras pretendem suprir a ausência de fatores como a *situação*, o *envolvimento*, o *feedback instantâneo*, a *entonação* e a variedade significativa das *pausas*”.⁴ Por essa tentativa de expressar a forma oral de maneira mais próxima possível, a escrita é, muitas vezes, compreendida como um meio de expressão ligada à veracidade dos fatos. Enquanto a comunicação oral poderia sofrer mudanças de acordo com cada transmissor – variando as escolhas de palavras, linguagens, entonações e pausas –, a comunicação escrita estava impregnada por uma idéia de verdade e autenticidade. Esses conceitos são questionáveis e muito discutidos na atualidade, pois a escrita pode ser acessada através dos diversos meios de comunicação que se expandem pelo mundo.

Para a História, a escrita é um marco que divide a humanidade, pois os fatos puderam ser registrados e documentados, marcando os acontecimentos. Ainda hoje existe polêmica entre os historiadores na aceitação das tradições orais como fontes para entender e validar diversos fatos históricos. Uma vez que as experiências humanas puderam ser registradas na forma escrita, elas foram mais valorizadas e propagadas, em detrimento das experiências orais; pois muitos autores entendem que as constantes mudanças que existem nas transmissões orais de um dado conhecimento impossibilita um registro oficial do mesmo. Atualmente, mesmo com todas as discussões sobre neutralidade, subjetividade e ficção, a escrita mantém uma relação intrínseca com a realidade, sendo considerada um registro oficial, mais precisa e confiável dos acontecimentos sociais.

⁴ LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2004, p.6.

Aliada às tecnologias desenvolvidas nos processos de industrialização e de globalização, a comunicação se expandiu e se modernizou gradativamente até chegar nas dimensões que conhecemos hoje, tanto em termos de alcance quanto em termos de velocidade de comunicação. As grandes invenções (transportes, eletricidade, telefone, linotipo e maquinarias em geral) ajudaram a estabelecer uma nova rotina para a sociedade e foram pouco a pouco, introduzidas no cotidiano dos homens. Esses processos de industrialização transformaram os meios de comunicação e estes, por sua vez, colaboraram para as mudanças nas relações sociais, aproximando os homens a facilitando as trocas de informações.

Através dos meios de comunicação, a burguesia – classe social em ascensão durante a Revolução Industrial – transmitiu suas idéias e propagou o seu modo de vida utilizando a imprensa e a literatura. A produção em série, exigida pelo capitalismo, precisava de um grande número de trabalhadores e, homens, mulheres e crianças foram empregados em fábricas, cumprindo cargas horárias que podiam chegar a dezesseis horas por dia. Essa nova classe social, o proletariado, quando percebeu a exploração do trabalho no modo de produção capitalista, também utilizou a imprensa para poder se expressar socialmente, ainda que em pequena escala, devido o número reduzido de trabalhadores letrados. A sociedade capitalista começou a tomar forma (produção em larga escala e a busca pelo lucro), a idéia de consumo (obtenção de todas as tecnologias produzidas) se difundiu pelo mundo e as lutas de classes (burguesia e proletariado) surgiam na nova realidade social. Apesar de todas as críticas ao capitalismo, por ser um sistema econômico que visa incessantemente o lucro e que acaba gerando uma discrepância social cada vez maior, com concentração de grande parte da renda em pequenos grupos, a sociedade capitalista entrou no século XX produzindo e consumindo cada vez mais.

Depois do período das Guerras Mundiais, o mundo tentou restabelecer a dinâmica social e novamente mudanças tecnológicas passaram a redefinir o mundo capitalista industrializado. Dessa vez, já em meados do século XX, a informatização e a realidade cibernética levaram a uma nova estruturação social, com grandes transformações no campo da comunicação. Os homens passaram a utilizar intermediários para que a troca de conhecimentos ocorresse, tanto através de outros indivíduos – como os jornalistas, quanto de novas tecnologias que distribuem as

informações – os meios de comunicação. Além dos livros e jornais, o cinema, o rádio e a televisão ampliaram as relações comunicativas e transformaram o contexto social, criando novas percepções da realidade, já que os homens puderam observar o mundo através desses meios de comunicação. A comunicação entrou em um período audiovisual, na qual a união de sons e imagens enriqueceu as trocas de informações; as notícias podiam ser lidas nos jornais e nas revistas, e também, ouvidas e vistas (criando uma veracidade associada ao uso das imagens) nas televisões.

Os valores das tradições e os laços familiares não foram mais os únicos que determinariam a inserção social de indivíduo; também passaram a influenciar, as divisões de trabalho, os grupos de afinidades, as identificações dos homens em determinados grupos: a pós-modernidade começou a ser moldada. O ritmo de vida, as novas necessidades, a transmissão de conhecimento e toda a modernização urbana alteraram a estrutura social. Os homens inventaram os computadores e, posteriormente, a internet, e através deles, puderam conectar os indivíduos em um espaço cibernético comum, revolucionando o cotidiano, criando interações sociais virtuais e estendendo a troca de informações.

A aproximação tecnológica entre diferentes povos fez com que tudo o que estivesse geograficamente longe pudesse estar, de alguma forma, mais perto, especialmente pelos meios de comunicação que surgiram ou se especializaram desde a modernização industrial e tecnológica. O professor Stuart Hall nos diz que: “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”.⁵

Para entendermos o poder adquirido pela narrativa pós-moderna, precisamos perceber como as experiências e a transmissão do saber a determinam. Antes de toda a disseminação de escolas, bibliotecas, laboratórios de pesquisas, e conseqüentemente, de toda a informatização dos conhecimentos, o saber era transmitido por indivíduo mais experiente para indivíduos menos experientes, como uma relação de professores e alunos. Entretanto, com a possibilidade de adquirir os conhecimentos através tantos meios, o saber deixou de ser entendido como algo que pode ser apreendido como conhecimento utilitário e passou a ser vendido e consumido para ser utilizado como

⁵ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.68.

uma nova forma de produção. O capitalismo impulsionou essa nova forma de absorção e uso do saber e também segrega o saber nos países desenvolvidos e nos países subdesenvolvidos. É preciso perceber que, uma vez que é guiado pelo capital internacional, o saber não se dissemina da mesma maneira, com a mesma rapidez e com todos os detalhes que ocorrem em seus países de origem.

Os novos meios de comunicação modificaram a relação entre os emissores e receptores, ampliando esse conceito para uma relação de interlocutores, dinamizando o processo comunicativo, através das trocas de informações entre os sujeitos em tempo real. Com a informática, a comunicação digital transformou a rotina de milhões de usuários de origens diversas e objetivos variados, com os programas, *sites*, portais, jornais *on-line*, *MSN* e *orkut*. Em contrapartida, com o uso de computadores e tecnologias digitais, as diferenças econômicas se tornaram cada vez mais evidentes, gerando uma nova forma de discriminação nas sociedades: a exclusão digital.

Podemos dizer que a imprensa se apoderou de vários meios de comunicação para levar aos homens toda a informação possível. Livros, revistas, jornais, filmes, televisão e internet foram apropriados e são usados pela mídia para divulgar notícias, despertando nos interlocutores diversas percepções da realidade. As idéias de tempo e distância, por exemplo, podem adquirir novos referenciais com o uso cada vez maior de novas tecnologias, que aproximam e conectam os indivíduos. Os grupos sociais que vivem em diferentes partes do mundo podem ter acesso às mesmas informações através dos *sites* de notícias na internet.

Da mesma forma, verificamos que muitos tiram proveito e comemoram as novidades, enquanto outros têm receio e se amedrontam diante de tanta inovação. Na pós-modernidade, a quantidade de informações que podem ser acessadas pelos homens – nos diversos meios de comunicação – parece superar a capacidade humana de recebê-las, interpretá-las e fazer uso delas. Ao mesmo tempo, o homem consegue naturalizar cada vez mais rápido todo o acúmulo de tecnologias e informações aos quais ele está exposto diariamente. Não é difícil encontrar um sujeito que afirme não conseguir imaginar sua vida sem celulares, computadores e internet. Além de diferenças na aceitação do uso das tecnologias digitais, as discrepâncias sócio-econômicas também contribuem para a segregação no consumo desses novos recursos. Mesmo com a difusão desenfreada da tecnologia, muitos países recebem os produtos com atraso e não são

responsáveis pela produção dos mesmos em seus territórios, dependendo de outros países mais desenvolvidos para obterem tecnologia, o que encarece os produtos e dificulta a sua difusão em determinados países, criando um abismo tecnológico entre os usuários.

Com todas as inovações tecnológicas que transformaram as sociedades, devemos perceber que as linguagens usadas pelos meios de comunicação também sofreram modificações e geraram muitos estudos e análises sobre as mesmas. Se os meios de comunicação são um importante instrumento da nossa sociedade, isso ocorreu pela forma como esses meios foram utilizados para alcançar certos resultados. As técnicas de transmissão de conhecimentos e os discursos implícitos estão, assim como os diversos meios de comunicação, intimamente ligados às mudanças sociais. As tecnologias agilizam e aprimoram a comunicação e a linguagem comum aos interlocutores possibilita a ocorrência da mesma.

O processo comunicativo também está impregnado de discursos subjetivos, que também podem ser divulgados pela mídia. Os diferentes discursos têm o poder de internalizar conceitos e ordenar simbolicamente o cotidiano dos homens, uma vez que esse é o lugar de experiências, de partilhas e de constituição da sociabilidade, podendo manter a estabilidade ou renovar os valores sociais. Os homens vivem o cotidiano e percebem o seu lugar no mundo, estabelecendo identificações e diferenciações, através das trocas de informações e experiências. As múltiplas narrativas que se propagam nas sociedades estão repletas desses discursos simbólicos e mitificados que influenciam a dinâmica social. A comunicação é um produto dos homens e de suas relações sociais e, portanto, está envolvida com necessidades, limites e transformações ao longo do processo histórico.

2.2. Narrativa, Romance e Informação em Benjamin

A relação entre comunicação, jornalismo impresso, técnicas utilizadas e homens é complexa, recebendo diversas influências e produzindo muitos sentidos. Nesse primeiro momento, vamos analisar a forma de transmissão de conhecimentos e

ensinamentos, praticada, em princípio pela tradição oral, em sua forma mais comum: a narrativa.

O filósofo Walter Benjamin fez análises importantes sobre o uso da narrativa clássica como forma de transmissão de conhecimentos dos homens. Ele afirma que a narrativa é a “faculdade de intercambiar experiências”⁶ e que, justamente a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”⁷. Mesmo antes da escrita, os homens já buscavam repassar os conhecimentos obtidos através da oralidade, e esses conhecimentos eram freqüentemente alterados e complementados, em virtude da troca de experiências.

Para compreendermos o trabalho de Benjamin, é preciso entender o valor que a experiência coletiva (*Erfahrung*) possui nos trabalhos do filósofo. É essa experiência que justifica a narrativa clássica, mantendo-a aberta e disponível para continuações. Os homens têm a possibilidade de interferir nas narrativas, dando continuidade a ela, incluindo suas experiências vividas ou apreendidas. As narrativas estão presentes de maneira intrínseca aos grupos sociais, elas são a base de sua comunicação, as formas primordiais para que as tradições e costumes de um povo sejam propagados. Benjamin afirma que a narrativa deve funcionar como uma transmissão de experiência que sirva como um ensinamento moral, uma sugestão prática, um conselho.

Portanto, o narrador é o homem que sabe exercer, através das experiências, vividas ou mesmo observadas, o papel de um bom conselheiro. Benjamin acredita que o trabalho do narrador é tão importante que deve ser entendido como uma tarefa artesanal, exigindo cuidado preciso, tempo ideal para realização e a integração de gestos e palavras. Portanto, o tempo decorrido entre os relatos somente beneficiará as narrativas, incorporando mais experiências e interiorizando nos homens os seus ensinamentos.

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis (...). Aconselhar é menos que responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a

⁶ BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.198.

⁷ *Ibidem*, p.198.

continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história.⁸

O narrador deve saber aconselhar baseando-se nas suas experiências de vida, ou seja, na sua sabedoria. Quanto mais experiências vividas, mais sábio será o homem e maior será sua capacidade narrativa. Entretanto, para Benjamin, o homem moderno perdeu essa capacidade narrativa, visto que, suas experiências estão cada vez mais individualizadas e desmoralizadas na sociedade. Ele descreve as guerras, a violência e a decadência da ética e da moral, como responsáveis por esse empobrecimento das experiências humanas e, conseqüentemente, pela perda dos valores das mesmas na sociedade. Benjamin afirma que a decadência da *Erfahrung* está ligada a ascensão da *Erlebnis*, a experiência vivida, que é típica do sujeito isolado, solitário; como acontece com a sociedade atual. A sabedoria do homem moderno se torna insuficiente para que ele consiga descrever sua situação, narrar suas histórias e fazer sugestões, pois ele se mantém isolado em seu ambiente privado, dificultando a relação de trocas culturais com outros homens. A figura do narrador é ligada aos sábios e aos conselheiros da tradição oral e necessita de uma grande capacidade de articulação das experiências vividas e apreendidas, o que para Benjamin, já não caracteriza o tipo de experiências que envolvem os homens modernos no mundo capitalista.

A perda dessa capacidade narrativa também pode ser associada à ascensão tecnológica. Ao mesmo tempo em que possibilita o contato entre as pessoas, através da imprensa, da televisão e da internet, as tecnologias também são responsáveis pelo afastamento gradativo dos homens de seu convívio social, isolando-os em casas, em escritórios e em “frente aos computadores”. Esse isolamento colabora para a perda das experiências coletivas no mundo real e para a conseqüente expulsão da prática narrativa do cotidiano sócio-cultural. A mesma tecnologia que integra diversas partes do mundo, separa os indivíduos que estão geograficamente perto, “trancando” esses homens em seus mundos particulares, suas casas e seus locais de trabalho, com acesso à televisão, dvds, computadores, Internet, tornando-se expectadores do mundo. As atividades coletivas foram substituídas por atividades individuais. Muitos fatores da vida moderna aumentam esse distanciamento, como o medo da violência e o stress dos trabalhos profissionais dos indivíduos.

⁸ Ibidem, p.200.

Além disso, os narradores clássicos de Benjamin são os homens que adquiriram mais experiências em suas vidas e que são capazes de transmitir sua sabedoria para os mais jovens e menos experientes. Na atualidade, as experiências não são mais comuns aos narradores e aos ouvintes, uma vez que a dinâmica capitalista e as tecnologias aceleram o fluxo de trocas de conhecimentos e dificultam a assimilação de todos os homens em um mesmo ritmo. Com o declínio das narrativas, ocorreu um distanciamento entre as gerações, pois os mais jovens – que, em geral, se adaptam mais facilmente às mudanças tecnológicas –, absorvem rapidamente às informações disponibilizadas pelo uso das tecnologias. Portanto, há uma mudança na forma e na quantidade de experiências obtidas e compartilhadas, uma vez que as práticas culturais coletivas, tanto na memória quanto nas tradições comuns, se tornaram individuais e solitárias.

Com esse afastamento nas relações sociais coletivas, os homens passam a buscar novas formas literárias para substituir a narrativa clássica. Entre elas, está o romance, que apesar de existir anteriormente, encontra na burguesia surgida com a Revolução Industrial, forças para se expandir como uma nova fonte de recepção de conhecimento, de sentido para a vida, de conforto em relação à falta de orientação, causada pelo declínio da narrativa clássica. A sociedade burguesa capitalista começou o processo de isolamento nas suas experiências vividas, pois ela se deparou com as mudanças industriais, que, como vimos, reorganizaram a estrutura social.

Para Benjamin, o romance se difere totalmente da narrativa, tanto no seu surgimento quanto no seu uso. O romance não surge na tradição oral e tampouco dá continuidade à mesma. Essa nova forma literária se vincula a escrita, aos livros e à imprensa. O romancista não é um conselheiro que sugere uma continuidade de uma narração, mas um sujeito que delimita uma história com começo, meio e fim. O leitor do romance tem o seu conforto na consciência de que há um sentido para ele ao final do livro, e é essa procura por um sentido ou uma explicação para um acontecimento, que faz com que ele persiga assiduamente na leitura, o que não consegue obter na sua própria vida. Se o homem passa a não ter experiências coletivas, o romance pode dar a ele a experiência que ele nunca viverá ou observará verdadeiramente, mesmo que essa experiência esteja fora da realidade do leitor. Portanto, o romance se torna – opondo-se

totalmente à narrativa clássica – uma obra fechada e conclusiva, que tem seu ponto principal na busca de um sentido para a vida do leitor.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não mais pode falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a perplexidade de quem a vive.⁹

No entanto, para Benjamin, os romances e os livros não foram os meios de comunicação definitivos para a decadência do uso da narrativa clássica. A imprensa, que também ajudou a consolidar a posição social da burguesia, será ainda mais prejudicial para o declínio no uso da narrativa, através de uma nova forma de comunicação: a informação jornalística. Para ele, a informação passou a influenciar de maneira “ameaçadora” e “decisiva” à forma épica. A base do saber do homem deslocou-se da experiência para a informação, da quantidade de experiência que os homens podem apreender e trocar para a quantidade de informações que eles podem assimilar.

Uma das diferenças entre a narrativa e a informação é a necessidade de exatidão e explicação plausível que a informação precisa para ser consolidada, diferenciando-se da narrativa, que frequentemente buscava justificativas miraculosas. Ela aceita a livre interpretação, a adaptação e o complemento das histórias, atingindo uma dimensão inexistente na informação. As notícias não permitem interpretações diversas e já chegam ao leitor, acompanhadas de todas as explicações necessárias e dados confirmados. Se uma notícia é levada ao leitor com diversas interpretações ou possibilidades de erros, ela é entendida como uma informação controversa ou mal apurada, na qual não se pode confiar e que não é entendida como verdadeira.

Outra diferença pode ser encontrada no valor social que a narrativa e a informação recebem. A narrativa pode e deve se desenvolver com o tempo, pois sua base é a experiência, que é adquirida lentamente, em um processo contínuo, pela troca de conhecimentos entre os homens, ampliando o uso utilitário (ensinamento moral) da

⁹ Ibidem, p.203.

narrativa e despertando a reflexão em momentos diversos. A informação, por sua vez, tem importância por se tratar de uma novidade e deve ser divulgada, analisada e apreendida enquanto tal. “Ela precisa ser compreendida em si e para si”.¹⁰ Mas não deve ser necessário gastar muito tempo com uma informação; o ideal é encontrar a cada dia novas informações e dedicar a elas o tempo suficiente para que sejam explicadas e compreendidas. Em um mundo globalizado e dinâmico, a quantidade de informações captadas adquire mais valor que a qualidade das mesmas.

É indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. (...). Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...). A informação só tem valor no momento em que ela é nova. Ela só vive esse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças a depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.¹¹

Portanto, para Benjamin, o uso da informação jornalística, com sua base objetiva e instantânea prejudica a troca de experiências e o uso da narrativa clássica, pois o homem passa a valorizar a quantidade de informações e a apuração rápida das mesmas em detrimento da qualidade de sabedoria que ele passa a apreender. As notícias devem ser novas, imediatas e “quentes”; enquanto as narrativas têm a sua lógica na possibilidade de serem recontadas a cada dia, acrescentando novos elementos vindos da experiência e da sabedoria dos homens. Atualmente, a informação é entendida como uma necessidade básica para a vida cultural e profissional dos homens, sendo utilizada e disponibilizada por muitas empresas, por intermédio das assessorias de imprensa, e apreendida por quase todas as áreas profissionais.

2.3. Narrador, Romancista e Repórter

Além de analisar as técnicas de narração – a narrativa clássica, o romance e a informação – Walter Benjamin também fez considerações sobre as características dos

¹⁰ Ibidem, p.203.

¹¹ Ibidem, pp 203, 204.

narradores e as experiências de cada um deles de acordo com o momento histórico em que estavam inseridos.

Se considerarmos que, para Benjamin, a principal característica da narrativa clássica é a sua dimensão utilitária, sua potencialidade como um ensinamento moral, percebemos o poder que a experiência adquire no seu conceito. Para ele, é a experiência trocada entre os homens que possibilita a narração, e que, portanto, a sociedade moderna não tem mais narradores clássicos, uma vez que as relações sociais envolvidas nessa sociedade tornam desnecessário o comprometimento com a experiência. Mesmo as experiências existentes no mundo atual não têm o mesmo caráter de importância que as antigas experiências traziam consigo, pois são consideradas desmoralizadas e empobrecidas, marcadas pela competitividade entre os homens e pela individualização de suas práticas sociais. Atualmente, os homens se isolam em seus mundos particulares, diante de computadores e, ao mesmo tempo em que podem entrar em contato com pessoas de qualquer parte do mundo com muita facilidade, eles restringem essa comunicação, ignorando as possibilidades que os cercam ou evitando a realidade física por medo da violência.

Para Benjamin, os narradores podem ser diferenciados de acordo com suas técnicas e escolhas para contar uma história: o narrador clássico, o narrador do romance e o narrador repórter. O narrador clássico de Benjamin é o que tem mais sabedoria e mais importância, e que pelas transformações histórico-sociais não se encontra facilmente nas sociedades atuais.

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como os sábios. Pois pode recorrer ao acervo de uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la por inteira.¹²

O romancista é aquele que através da sua obra isola o leitor, dando a ele uma problemática com destino certo: o fim do romance. Ele seduz o leitor, e com o seu enredo e um fim certo, tira do leitor a experiência coletiva. O romancista desloca os

¹² Ibidem, p.221.

homens de suas realidades, permitindo que eles encontrem sentido e conforto no romance.

Por fim, temos o narrador repórter, que através da informação, transmite uma ação observada, precisa e explicável. Diferencia-se do narrador clássico, por não viver a experiência por ele narrada; a informação nada mais é do que um produto da observação de um indivíduo sobre outros. “A narrativa (...) não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador”¹³, afirma Benjamin sobre a narrativa clássica. Para o narrador repórter, a sua própria experiência não deveria estar diretamente relacionada com a sua narração, a informação; visto que isso daria um caráter subjetivo que não é o ideal para a transmissão da mesma. No entanto, esses dois tipos de narradores podem se interligar se acreditarmos na construção da narrativa não somente feita através da experiência, mas também da narrativa feita através da observação, como afirmam muitos autores contemporâneos.

Além deles, Benjamin acredita que o cronista tem um papel importante como narrador, interligando jornalismo e literatura. Essas duas estéticas textuais sempre tiveram uma relação próxima, visto que os primeiros jornalistas eram literatos e utilizavam os jornais para a divulgação de suas obras. Essa ligação foi interrompida com a adoção de técnicas jornalísticas, mas a literatura sempre teve espaço garantido nas páginas dos jornais. Uma dessas possibilidades era através do uso de crônicas, que narram as experiências do cotidiano, independentemente das pautas. Se nos jornais impressos, a crônica é um espaço utilizado por respeitados jornalistas, que escolhem comentar os mais diversos assuntos da atualidade, com mais liberdade do que os repórteres que seguem as pautas preestabelecidas, para Benjamin a crônica é a narração da História. Enquanto, os historiadores se preocupam com os grandes acontecimentos que marcam a vida política, econômica, social e cultural dos homens; os cronistas entendem que nada do que aconteceu pode ser menosprezado na construção da História. Nos jornais atuais, é comum dedicar um espaço para a reportagem ou notícia sobre um fato e apresentar uma crônica sobre o mesmo assunto, permitindo-se usar a

¹³ Ibidem, p.205.

subjetividade do cronista, sua percepção e sua opinião sobre aquele acontecimento e todos os elementos literários, que são abominados pelas técnicas jornalísticas.

3. NARRATIVA JORNALÍSTICA

Devemos perceber que as narrativas clássicas têm uma importância fundamental para a transmissão das experiências e que elas ajudam a construir valores e mitos nos grupos sociais. Da mesma forma, as narrativas jornalísticas podem funcionar, não somente como divulgadores de informações relevantes, como também um meio de reiterar a memória e os valores coletivos, refletindo a realidade e situando os homens no contexto social. Para muitos autores, a pós-modernidade marca uma época na qual as pequenas narrativas fragmentadas substituem as grandes narrativas. De acordo com a pesquisadora Raquel Paiva: “Por grande narrativa, pretende-se entender uma narrativa coesa, monolítica, nos moldes das narrativas tradicionais, principalmente no que tange à sua influência e sintonia com a vida e o lugar comum da sociedade”.¹⁴ Analisaremos como o jornalismo impresso na atualidade se configura enquanto grande narrativa do cotidiano, com uma estrutura e linguagem que ajudam na construção dos acontecimentos.

3.1. Transformações na Imprensa e nas Técnicas de Produção Textual

Na Idade Média, as sociedades tinham acesso às notícias através de decretos e proclamações dos Estados e dos sermões e catecismo da Igreja. A maior parte das informações eram restritas e controladas por esses dois pilares do poder: política e religião. Os viajantes e os trovadores, que andavam de cidades em cidades, eram uma forma alternativa de receber as informações e ouvir narrativas. Quando, no século XIII, a expansão das atividades comerciais tiveram início, houve a necessidade de trocar as informações como um serviço constante, que facilitava a atividade econômica em crescimento. Outro impulso para esse processo informativo foi a colonização das Américas e o acúmulo cada vez maior de capital, oriundos da descoberta de ouro e prata e da comercialização das matérias-primas disponíveis nas colônias. As principais informações relacionavam descobertas de novas terras, acumulação de capital mercantil e trocas comerciais, tanto entre colônias e metrópoles, quanto entre cidades européias. Aliada a essas trocas de informações, a tecnologia gráfica desenvolvida por Gutenberg,

¹⁴ PAIVA, Raquel. *Jornalismo Comunitário: Uma Reiteração da Mídia*. Texto inédito enviado para NP Jornalismo - Intercom, 2006.

colaborou para o surgimento da imprensa, que começava a se desenvolver, ainda que de maneira precária, em um processo lento e gradual.

No século XVIII, a Revolução Industrial transformou o processo de fabricação, com maquinarias que ampliaram a produção; e a burguesia começou a derrubar o poder do Estado e da Igreja e a moldar um novo esquema de classes sociais. Nesse sistema econômico, a burguesia lutou, através de seus impressos, contra o poder dos aristocratas e da Igreja. O proletariado, classe trabalhadora que foi utilizada como mão-de-obra nas fábricas durante a Revolução Industrial, também utilizou, posteriormente a imprensa para se opor ao grupo social que os dominava, a burguesia. Essas publicações sindicais, partidárias e governamentais, em geral, muito opinativas, foram utilizadas por indivíduos ou pequenos grupos com a finalidade de exporem seus pensamentos e lutar pelos seus ideais. O impulso dado pela Revolução Industrial, direta ou indiretamente, proporcionou um novo cenário social que favoreceu a imprensa: novas tecnologias para impressão dos jornais que ampliaram sua difusão, aumento no número de um público letrado e o início do investimento em publicidades. Pouco a pouco, os impressos passaram a disponibilizar tanto informações quanto serviços para os seus leitores, iniciando o jornalismo como um novo negócio, que exigia capitais e investimentos e que poderia gerar lucros. Era o início da imprensa como empresa e foi preciso utilizar diversos estilos de produção textual e informações para tentar construir um público cativo que reabasteceria o processo diário de produção dos jornais. De acordo com Nilson Lage, “a luta pelo aumento de tiragem – medida de sua eficácia publicitária – levou os jornais a ampliar sua área de serviços e a incluir em suas páginas os folhetins – histórias seriadas que tinham a vantagem de manter o público cativo–, os horóscopos e os quadrinhos”.¹⁵

No Brasil, a imprensa começou a se formar através do governo português, que se estabeleceu no Brasil, durante a colonização. Nesse período, a imprensa era muito ligada à política, servindo para promover e difamar governantes e divulgar debates e brigas entre diferentes correntes políticas e classes sociais. Muitas publicações panfletárias eram produzidas, como ferramenta de intrigas e escândalos políticos. Posteriormente, os impressos também foram utilizados por literatos, que publicavam suas obras e se tornavam conhecidos pelos leitores. Os jornais, muitas vezes, se

¹⁵ LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2004, p.13.

dividiam entre manifestos políticos, crônicas e artigos de literatura, divulgando as polêmicas sociais e as obras de diversos autores que colaboravam na produção dos jornais.

Entretanto, foi no final do século XIX e início do XX, que a imprensa brasileira estruturou suas bases, com a importação de máquinas, utilização das técnicas e informações de agências estrangeiras. O jornalismo, até então, era entendido como uma ocupação paralela a outras atividades principais; os políticos usavam a imprensa para influenciar a sociedade e os escritores a utilizavam para publicar seus textos literários. Os escritores tinham outras ocupações e utilizavam o jornalismo como um “divulgador de idéias”. Esses eram os jornais de opinião, que estavam essencialmente atrelados a partidos políticos e a movimentos literários. A necessidade da profissionalização forçou uma mudança na posição ideológica dos impressos, e eles passaram a se caracterizar como jornais informativos, que utilizaram as técnicas e normas para estabelecer o jornalismo como profissão.

Em meados do século XX, o uso de novas tecnologias, a urbanização, o surgimento das escolas e de um público letrado cada vez maior obrigaram os jornais e os jornalistas a se especializarem, tornando-se profissionais do ramo de comunicação. As empresas jornalísticas se modernizaram, contratando os profissionais (que se desdobravam em diferentes funções) para as diversas áreas de atuação na empresa, reformando as administrações, investindo em tecnologias e planejando a estrutura do jornal. O Brasil estava passando por mudanças econômicas desde os anos 30 e a imprensa ainda não estava consolidada no mercado industrial (como em outros países), mas essas mudanças técnicas e estruturais davam o caráter profissional que era necessário ao jornalismo.

A profissionalização dos jornalistas se tornou perceptível com o estabelecimento desses procedimentos, técnicas, linguagem específica, associações profissionais, busca por reconhecimento público e governamental, criação de um código de ética e, posteriormente, na criação de escolas profissionalizantes. Com o desenvolvimento da imprensa, a exigência da sociedade, em relação aos jornalistas e suas produção, foi aumentando gradativamente, contribuindo para a aceleração da profissionalização. Através desse processo, surgiu também uma ideologia profissional; que influenciou o pensamento, o comportamento e a forma de produção textual pelos jornalistas. Essa

ideologia ajudou a definir papéis, a criar expectativa com o trabalho desempenhado, a unir profissionais e a determinar um grupo profissional de referência que desenvolveu um pensamento sobre os interesses específicos daquele grupo.

Na década de 50, com as reformas jornalísticas – administrativas e textuais – nos principais periódicos da época, ocorreu no Brasil uma consolidação no processo de profissionalização da imprensa. O principal produto jornalístico se definiu como a notícia – direta e objetiva –, que buscava uma reprodução fiel dos acontecimentos e que, portanto, precisava adotar técnicas lingüísticas, de produção e de estruturação padronizada, que facilitassem a leitura e dessem veracidade aos acontecimentos noticiados, garantindo credibilidade ao jornal. Nessa profissionalização, o pesquisador Nelson Traquina afirma que “as notícias tornaram-se simultaneamente um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática; e os jornalistas ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social”.¹⁶

Na prática, a profissionalização ajudou a estabelecer o jornalismo como o meio usado para transmitir informações, que fossem relevantes para o maior número de leitores possíveis. As técnicas utilizadas sugeriam as idéias de “espelho da realidade”, objetividade e neutralidade do jornalista em relação aos seus textos, e esses ideais de distanciamento do jornalista com os fatos foram transmitidos para o público. A profissionalização exigia o uso de técnicas de produção textual e de normas de conduta e ética para que o trabalho dos jornalistas fosse entendido com imparcial e tivesse credibilidade na sociedade.

A partir desse momento, os jornalistas passaram a buscar cada vez mais notícias, analisando quais histórias seriam cativantes e de interesse público, mantendo um afastamento do jornalista em relação ao seu próprio texto. As mudanças na forma de produção das notícias foram utilizadas, em especial, para que a objetividade e a neutralidade fossem priorizadas, servindo de base para a produção textual. No mundo moderno, os indivíduos não tinham tempo para se dedicarem à leitura das notícias como faziam no passado. As informações deveriam ser mais simples e objetivas, facilitando o processo de leitura. A crítica de Benjamin em relação à queda da narrativa clássica pode ser percebida no Brasil nesse momento, quando as redações condenam as características

¹⁶ TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005, p.20.

literárias típicas da narrativa clássica nos textos jornalísticos e adotam as técnicas que simplificam a produção de notícias.

No entanto, ainda que procurem despertar o interesse em um grande número de cidadãos e apresentem fatos, que possam ser de interesse comum, e relevantes para a sociedade, as notícias são divulgadas de acordo com modelos e estruturas criadas por jornalistas e, também, de acordo com a linha editorial de cada publicação. Com o passar dos anos, as linhas editoriais e as segmentações por público buscavam atingir os mais variados interesses que existiam para diferentes grupos sociais e as publicações apresentavam cada vez mais seções e editorias, tentando abordar assuntos diversificados e interessantes.

Para noticiar os acontecimentos, os jornalistas usaram diferentes técnicas e estruturas, que foram transformadas e aperfeiçoadas ao longo do processo de profissionalização. Se no início do desenvolvimento jornalístico, as notícias eram publicadas como as narrativas clássicas – que seguiam uma tradição literária e atraíam lentamente a curiosidade dos leitores, os fatos ocorridos em ordem cronológica; com a modernidade, as narrativas deram lugar a uma técnica que reorganizou a produção das notícias, valorizando seus pontos principais e que as inicia de forma simples e direta: o *lead*.

Essa nova forma de organização textual utilizada no jornalismo gerou polêmica, entre jornalistas e acadêmicos, pois intensificava a idéia de que a notícia estava isenta de subjetividade, posicionamento pessoal ou opinião da linha editorial do impresso. Alguns profissionais achavam que as produções jornalísticas se transformariam em textos padronizados, pré-fabricados e que apenas atenderiam às necessidades de imediatismo do mundo capitalista e consumista. Outros acreditavam que a nova técnica permitiria um distanciamento do jornalista, fazendo com o que os leitores pudessem interpretar os fatos noticiados independentes da opinião dos jornalistas, e poderiam ter acesso às informações importantes que ocorriam em diversas partes do mundo. Esses questionamentos se tornaram mais freqüentes com o crescimento dos meios de comunicação de massa, levando cada vez mais informações a um grande número de pessoas, cumprindo as exigências do mercado.

Com a difusão do rádio e posteriormente da televisão, o acesso às informações se tornou ainda mais fácil; entretanto, a abrangência das notícias nesses meios de

comunicação não é tão longa e detalhada como nos meios impressos, pois é preciso que se divulgue um grande número de informações em um tempo reduzido, o que pode levar a um empobrecimento ou uma simplificação do que é noticiado. O rádio e a televisão dividem sua grade de programação tanto com noticiários, quanto com programas de variedades, folhetins e entrevistas. No entanto eles têm uma vantagem em relação ao jornalismo impresso: podem interromper a programação a qualquer momento se houver a necessidade de divulgar um acontecimento entendido como relevante para a sociedade, iniciando o jornalismo na idéia de imediatismo.

A televisão inovou a maneira de transmitir e de receber as notícias, pois ela não exige nenhum esforço do telespectador, apresentando o fato e provando-o através de suas imagens, às diferentes camadas sociais. Os jornais impressos não têm a capacidade de divulgar os acontecimentos no momento em que eles ocorrem, precisam ser adquiridos diariamente, exigem uma atenção maior por parte dos leitores, mas eles tendem trazer notícias e reportagens mais completas e detalhadas, permitindo reler o conteúdo e conferir as informações. No entanto, essa influência dos novos meios de comunicação na imprensa escrita foi importante, pois muitas das mudanças visuais e técnicas dos jornais impressos ocorreram com a ascensão desses outros meios de comunicação audiovisuais; os jornais impressos passaram a valorizar a diagramação, uso de fios separando as matérias, a organização das notícias, utilização de mais cores, fotografias, gráficos, etc. As notícias mais minuciosas, a escolha da ordem de leitura dos jornais impressos e a possibilidade de leitura e releitura, conforme as necessidades dos leitores são fundamentais para a preservação dos jornais, para a criação de impressos mais segmentados entre diversos públicos-alvos e para o investimento na modernização das redações e gráficas.

Além do rádio e da televisão, a internet é capaz de levar ao seu público, um imenso fluxo de notícias atualizadas a todos os momentos, enfatizando a noção de imediatismo, ou como utilizado em linguagem digital, a idéia de tempo real. Uma das inovações dessa nova mídia é a possibilidade de receber o retorno dos interlocutores mais rapidamente, seja por um espaço aberto à opinião dos leitores nos próprios *sites* ou através de *e-mails*. O consumo exacerbado de informações, através de rádio, televisão, sites, fóruns de discussão *on-line* e blogs poderia, de alguma forma, prejudicar a existência do jornal impresso. Na atual dinâmica sócio-cultural, os homens buscam um

grande número de informações, sem a preocupação de questioná-las e discuti-las, apenas absorvendo seus conteúdos e assimilando seus sentidos. Em relação à crise do jornalismo impresso, provocado pelos novos meios de comunicação, Raquel Paiva afirma que:

As discussões realistas sobre o futuro do papel do jornalismo impresso não podem passar por cima deste lugar de informação que o on-line assumiu, uma vez que a sua instantaneidade parece suprir as demandas de informação curta e rápida, deixando para o jornalismo impresso a dimensão analítica e interpretativa.¹⁷

Mesmo com a separação entre notícias em forma de narração clássica e notícias estruturadas pelo *lead*, o jornalismo não se desvinculou totalmente do gênero literário. Se por um lado, a pirâmide invertida era copiada no mundo inteiro, o Novo Jornalismo (*New Journalism*), também foi divulgado e copiado. Esse estilo proveniente do jornalismo literário é, talvez, um dos possíveis retornos do jornalismo à forma de narrativa clássica, já que considera os fatos cronologicamente, conduzindo o leitor ao clímax de um acontecimento, e que possibilita ao autor, participar da narrativa ou assumir o papel de um observador neutro, utilizando em ambos os casos uma abordagem que mistura literatura e jornalismo. O Novo Jornalismo necessita da aproximação do repórter com o fato, de uma análise mais intensa e de um tempo maior na produção do texto. Por isso, esse estilo não é utilizado na maior parte dos jornais impressos, ou aparecem em seções ou colunas especialmente determinadas para esses textos. As notícias de interesse do cotidiano ainda valorizam o instantâneo, o objetivo e o alto consumo informativo; que requerem o uso de técnicas mais padronizadas, que simplifiquem a leitura, como o *lead*, e não técnicas mais rebuscadas como as do jornalismo literário.

Nos jornais atuais, há também a possibilidade de misturar as técnicas, gerando a pirâmide mista, que faz uso do *lead* e uma seqüência narrativa dos fatos, instigando a curiosidade do leitor, gerando uma dramatização para que esse continue a sua leitura. O jornal é um produto que precisa ser consumido diariamente para gerar lucros e manter a estabilidade do próprio jornal. Portanto, essas aberturas para possíveis continuações dos

¹⁷ PAIVA, Raquel. *Jornalismo Comunitário: Uma Reiteração da Mídia*. Texto inédito enviado para NP Jornalismo - Intercom, 2006.

assuntos tratados em um dia e as divisões de jornais de acordo com os segmentos sociais criam ligações com os leitores, que são importantes para tentar garantir a venda dos jornais no dia seguinte. Essa constante preocupação com o leitor é necessária porque os jornais, como produtos, precisam “ser vendidos e consumidos” todos os dias e devem cativar o leitor, criando um vínculo e uma fidelidade com eles.

3.2. Fato e notícia: matéria-prima e produção jornalística

Considerando que em todos os momentos, diversos eventos ocorrem no mundo inteiro, torna-se difícil entender que fatos podem ser “transformados” em notícia pelo jornalismo. Muitos autores tentam explicar o que é preciso para que um fato seja apurado e noticiado, recebendo notoriedade em relação a tantos outros acontecimentos. Entretanto, essa definição – o que é notícia – é tarefa difícil para a maior parte dos pesquisadores de comunicação, sendo mais fácil definir como ela deve ser escrita e que critérios deve obedecer, mas não o que ela é exatamente. Segundo o manual de jornalismo do professor e jornalista Mário Erbolato, a notícia deve ser “recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público”.¹⁸ De forma simplificada, podemos dizer que a notícia é o relato de um acontecimento recente que pode ser considerado relevante e interessante e que apresenta impacto e significância para um grupo social.

Para Nilson Lage, essa definição “indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas expô-los”.¹⁹ Essa idéia de relato de um acontecimento segue a necessidade de objetividade e neutralidade do jornalismo, porém o conceito de que as notícias são, na verdade, construções de um acontecimento são importantes para o entendimento das narrativas jornalísticas que iremos analisar.

Os fatos políticos, econômicos, internacionais e culturais que possam, de alguma forma, influenciar e modificar a rotina da sociedade são transformados em notícias. Eleições de políticos, acordos econômicos, uma exposição cultural e decisões religiosas são exemplos desses tipos de fatos relevantes que geram desdobramentos e repercussões no cotidiano social, e que por isso, são em geral, noticiados pelos grandes veículos de comunicação.

¹⁸ ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.55.

¹⁹ LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2004, p.16.

Para definirmos a notícia, é preciso entender o que são os fatos e/ou acontecimentos²⁰ e as informações relevantes a que nos referimos; partes fundamentais na produção dos textos jornalísticos. Uma análise da importância dos acontecimentos e das informações noticiadas nos explica que:

O acontecimento é uma modalidade de tratamento do real do fato, portanto, é uma construção ou uma produção de realidade. Informação e acontecimento são instâncias interdependentes. A partir de um material bruto disposto pela unidade factual do acontecimento, a informação constrói um esquema narrativo, uma forma germinal de enredo ou intriga, que transforma a factualidade da vida.²¹

Uma vez que os homens têm gostos e interesses totalmente diversificados, é complicado afirmar que um determinado fato interesse igualmente a todos os indivíduos. As escolhas das notícias podem variar de acordo com a linha editorial de cada periódico ou conforme a segmentação de público para a qual ela é direcionada. Além disso, a escolha dos acontecimentos que serão investigados e publicados implica a escolha da linha editorial do jornal e a tentativa de respeitar a objetividade e a neutralidade exigidas na profissão. Os jornalistas têm a percepção para os fatos que podem se tornar notícias e tentam produzir seus textos segundo normas e regras exigidas no seu trabalho. Percebemos então, que a produção de uma notícia depende tanto do fato e sua noticiabilidade quanto das exigências e escolhas dos jornais. Podemos afirmar que as notícias são a matéria-prima do jornalismo e os fatos envolvendo um indivíduo ou um grupo social são matérias-primas para as notícias. No entanto, muitas vezes, são as premissas jornalísticas e as necessidades técnicas e editoriais dos jornais que definem se determinados acontecimentos deverão ignorados, divulgados ou destacados como notícias. Os acontecimentos que podem ser transformados em notícias formam a base de produção dos jornais.

No entanto, podemos nos deparar nos jornais com notícias sem grande relevância ou influência na sociedade. Elas são publicadas por despertarem alguma

²⁰ Nesse trabalho, os termos fato e acontecimento são entendidos como sinônimos: "O acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito do fato". In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O Jornal: da Forma ao Sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p.51.

²¹ PAIVA, Raquel. SODRÉ, Muniz. Sobre o fato e o acontecimento. In: *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.º6. Primavera de 2005, p.97.

carga emocional nos leitores, tanto pela dramaticidade quanto pelo humor que possam transmitir. Os fatos inusitados que rompem com a naturalidade do cotidiano e que trazem em si uma carga de humanidade podem, ao mesmo tempo, captar a atenção dos leitores e amenizar o peso das notícias mais objetivas e fortes. Essas notícias estão ligadas à imprevisibilidade de ocorrência e à escolha do jornalista; elas não dependem somente da natureza dos fatos, mas da sensibilidade do jornalista e do grau de interesse que possam provocar nos leitores. Como esses fatos podem ocorrer a qualquer momento, eles são escolhidos e publicados de acordo com a percepção e a subjetividade do jornalista. Nesse tipo de notícia de interesse humano – também conhecidas como *fait divers* (fatos diversos) –, o jornalista tem mais liberdade para determinar que fatos inusitados podem virar notícia, fazendo uma construção do real, provocando as emoções, risos ou choros nos leitores. O jornalista e professor da Universidade de Brasília, Luiz Gonzaga Motta, afirma que:

Enquanto em outras notícias o fato se faz escolher, aqui o fato a ser relatado é cuidadosamente escolhido (...) A dramatização típica deste tipo de notícia confere-lhe traços de narrativa pseudoliterária na medida em que utiliza um enredo e cria uma trama que relaciona os personagens numa história. Mas, não é uma narrativa literária qualquer: utiliza acima de tudo a verossimilhança. A margem da liberdade criativa é relativa, guardando sempre um relacionamento íntimo com o universo real possível, para fazer crer ao leitor que o fato realmente aconteceu conforma narrado. (...) Não é o fato que conta, mas sim o conto do fato.²²

Esse tipo de notícia se difere das informações relevantes na sociedade por se tratarem de situações contraditórias às realidades que são esperadas. São situações que beiram o absurdo e questionam a lógica do entendimento humano. Muitos jornais utilizam o *fait divers* para instigar o leitor, apresentando um título antitético ou angustiante, e surpreendente para o leitor, mas que será explicado na notícia. A própria estrutura e linguagem desse tipo de notícia permite o uso de subjetividade, como forma de chamar a atenção do leitor, podendo apresentar o texto na forma narrativa. Esse tipo de notícia é facilmente encontrado em jornais populares, que tentam conquistar um

²² MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da Notícia: As Relações entre o Real e o Simbólico”. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.), *O Jornal: da Forma ao Sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, pp.313-315.

público através de histórias que buscam a compaixão dos leitores e que sejam, de alguma forma, próximas desses indivíduos.

Nos estudos de Gonzaga Motta, outra variável importante é o “meta-acontecimento”, que se caracteriza pelo “fato narrado e (re)criado tantas vezes enquanto narrado”.²³ Eles pressupõem a subjetividade, a exposição de valores e discursos recorrentes na sociedade. Dessa forma, as notícias estão associadas aos mitos, pois retomam assuntos e os reescrevem, reforçando suas subjetividades, tais como os mitos, que precisam ser contados e recontados. A retomada de assuntos familiares, por exemplo, enfatiza e favorece a construção mítica da família, pois a repetição e a rearticulação das histórias asseguram e reiteram a crença na estrutura da mesma. Mas para haver a credibilidade dos leitores, o jornalista deve utilizar os dispositivos que montam a objetividade e a neutralidade, disfarçando os valores sociais existentes nos textos jornalísticos.

As informações jornalísticas são levadas diariamente a um público cada vez maior, por meio da televisão, do rádio, dos jornais impressos e da internet, e dessa forma, expõem e reafirmam valores sócio-culturais, que fazem com que os leitores encontrem um grupo social comum e se sintam partes integrantes desses grupos. Portanto, além de funcionarem como uma forma de divulgação de informações relevantes e interessantes, as notícias funcionam como um meio no qual os indivíduos podem ter uma percepção da realidade do mundo e sentir-se parte dele, pois os assuntos tratados nos jornais podem se aproximar de suas próprias realidades, geograficamente ou em termos de interesses pessoais.

As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas atualizam a realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões. O jornalismo atua além da mera produção de notícias, de um consumo massivo de informações. Configura-se em veículo de reinserção da audiência no universo social. (...) um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção de fatos do cotidiano, que atuam na construção social da realidade, à

²³ Ibidem, p.316.

medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo.²⁴

Na narrativa dos acontecimentos, os jornalistas, apresentam os principais pontos dos fatos e constroem uma realidade, relatando o que foi observado e apurado por eles. A notícia pode ser compreendida como a construção de um fato, que pode ser observado e comprovado na realidade, em determinados espaços físicos e temporais e ser estruturada através de uma forma narrativa. Essa idéia de construção da realidade não é apreciada por muitos jornalistas, pois eles acreditam que esse conceito pode prejudicar a credibilidade nas notícias e criar uma sensação de fantasia com o que publicado. Apesar de utilizarem o termo “estórias”, para as notícias que produzem e publicam, os jornalistas não assumem o uso da narrativa em seus textos, uma vez que isso poderia ser interpretado como ficção. No entanto, muitos pesquisadores afirmam que perceber as notícias como narrativas não retira delas o caráter de veracidade e o poder de informação. A explicação é da socióloga Gay Tuchman:

(...) dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alertar-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.²⁵

Quando um jornal “cria” uma notícia, ou seja, relata fatos que são fictícios, ou modificam o relato do acontecimento para que ele seja mais atrativo para os olhos dos leitores, interfere na crença nos meios de comunicação, e o veículo responsável por essa notícia falsa deveria ser advertido ou punido, para que o mau exemplo não seja seguido. Alguns jornais são especializados em divulgar notícias fictícias, como os tablóides (comuns nos EUA e na Inglaterra), com o objetivo maior de vender um grande número de exemplares, sem a preocupação ética com a profissão. Muitas vezes, um relato pode conter sensacionalismo, propagandas, manipulações, que podem ocultar informações e iludir o leitor, prejudicando também, a relação dos leitores e jornalistas. Assuntos como celebridades, violência e disputas políticas e econômicas estão quase sempre presentes

²⁴ COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto; MOTTA, Luiz Gonzaga. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXVII, n.º2, Julho/Dezembro de 2004, p.33.

²⁵ TUCHMAN, Gaye apud TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005, p.19.

em jornais e revistas sensacionalistas e mais populares, que valorizam muito mais as vendas do jornal que a ideologia jornalística de relatar um acontecimento real e bem apurado.

Se um veículo jornalístico utilizar predominantemente o caráter subjetivo nas notícias, a credibilidade no jornal poderá ser questionada e também, a veracidade do relato do fato. Alguns jornais são conhecidos pelo uso do sensacionalismo, da excessiva dramatização, da manipulação da notícia e até mesmo de propagandas no contexto da notícia. Outros fatores podem influenciar na produção da notícia, tais como, tempo curto para a apuração dos fatos, fontes pouco confiáveis e concorrência com outros meios de comunicação – televisão e internet –, prejudicando a relação de confiança entre jornalistas e leitores.

Sendo a notícia um produto cultural, percebemos que alguns temas podem despertar interesse durante dias ou semanas, além de poderem ser retomados, tempos depois, para que sejam conectados a novos fatos, semelhantes a algo já noticiado. Essa ligação entre diferentes fatos e a recorrência a notícias já divulgadas pode ser percebida por uma análise da narrativa. O uso da narrativa clássica de Benjamin aparece novamente, com certas especificidades, como uma possibilidade de narrar um fato várias vezes, ou seja, retomando a idéia de um conselho moral, um ensinamento. Uma vez que as informações remetem a valores éticos e morais, que são comuns a um grupo social, elas podem ser produzidas dentro da estrutura narrativa, abordando o mesmo assunto por dias ou semanas, despertando a memória do grupo para fatos da mesma natureza, que já tenham sido divulgados anteriormente. A memória coletiva vai sendo testada e atualizada de maneira contínua, repetida e ratificada, tal qual a narrativa clássica definida por Benjamin.

Portanto, a notícia tem a capacidade tanto de “narrar histórias” quanto a de nos “inserir em uma realidade social”. As notícias publicadas podem ser sobre política, economia, cultura e sobre outros assuntos mais banais que, pela proximidade, dramatização ou algum sentimento desperta a nossa atenção. A atividade jornalística é, muitas vezes, resumida como uma forma de contar histórias e, portanto, jornalistas estariam sempre buscando histórias cativantes para contar. O modo como essas histórias são contadas também interferem na história em si, pois essa mediação jornalística da realidade traz elementos antropológicos (crenças, desejos e valores) que fazem parte da

cultura dos jornalistas e dos leitores. No entanto, é preciso ressaltar que a notícia não deve ser considerada texto de ficção. A atividade jornalística busca uma objetividade, que reforce sua credibilidade diante do leitor. É fundamental entender que a notícia não é o fato em si, mas um relato ou construção de um fato ocorrido, que é produzido por um ser subjetivo, através de uma linguagem impregnada de elementos antropológicos e culturais.

O conhecimento trazido pela notícia não pode ser considerado como ciência, mas também não deve ser totalmente entendido como repetição do senso comum, pois desta forma, aceitaríamos o jornalismo como um meio usado apenas para ratificar conceitos preestabelecidos, sem nenhuma apuração ou análise. É na articulação entre a objetividade de relatar o fato tal como ele ocorreu e as escolhas jornalísticas que se constrói a notícia; mesmo quando um fator prevalece sobre o outro, gerando notícias mais objetivas (*hard news*) ou notícias mais subjetivas (*soft news*). As notícias devem conter o relato de um acontecimento contextualizado e relevante, observando-se suas causas e suas conseqüências, e tentando despertar alguma repercussão nos leitores, seja situando-os em uma realidade, seja estimulando neles uma memória coletiva. “O fato significa a notícia, enquanto novo fato, constrói o seu próprio sentido, e a publicação cotidiana de notícias ajuda a construir as imagens culturais que edificam todas as sociedades”.²⁶

3.3. Estrutura da Notícia - literatura, *lead* e novas técnicas textuais

Como já foi abordado, antes da profissionalização dos jornalistas, as publicações eram escritas por intelectuais e literatos, que utilizavam o espaço midiático como um meio propagador de idéias e movimentos políticos, econômicos e culturais. Jornais opinativos, tendenciosos e divulgadores de movimentos sociais eram produzidos por esses pensadores e escritores. Quando os jornais divulgavam as notícias, elas eram estruturadas como as narrativas utilizadas na literatura, com todos os artifícios e recursos estilísticos: o encaminhamento da história de forma cronológica, atingindo um

²⁶ MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da Notícia: As Relações entre o Real e o Simbólico”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.), *O Jornal: da Forma ao Sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p.319.

ápice e se direcionando para um desfecho. As mudanças na estrutura de produção da notícia se tornaram essenciais para que as histórias narradas perdessem o caráter fictício e fantasioso. Assim, as notícias adquiriram veracidade e credibilidade enquanto informações, agilizando o entendimento das notícias e profissionalizando a atividade jornalística.

Uma das contribuições para o declínio no uso da narrativa clássica ocorreu com o desenvolvimento e a disseminação da técnica de construção do texto, que passou a utilizar o *lead* – o primeiro parágrafo do texto sendo expositivo de todos os pontos principais do fato corrido –, conhecida como “pirâmide invertida”. Ocorreu uma troca na ordem do relato do fato, a abertura do texto passou a conter o que era mais relevante na informação, valorizando os fatos mais importantes e não necessariamente a ordem na qual eles se desenrolavam. Essa técnica foi usada nos Estados Unidos em abril de 1861, no jornal *The New York Times*. Na América Latina, a “pirâmide invertida” passou a ser usada em meados do século XX; e no Brasil, as reformas jornalísticas de vários periódicos nos anos 50, também trouxeram mudanças na estrutura da notícia, utilizando o *lead* e a “pirâmide invertida”.

Uma das teses em relação ao início do uso da “pirâmide invertida” afirma que defeitos técnicos na impressão dos jornais passaram a exigir que os fatos principais fossem relatados primeiro, de forma que nenhum ponto relevante fosse cortado da notícia. Esse acaso favoreceu o “consumismo de informações” dos leitores e a necessidade dos donos de jornais de cortar os últimos parágrafos de um texto para o acréscimo de uma publicidade, por exemplo. Assim, a mudança na construção do texto forçou a saída da narrativa clássica do texto jornalístico e, conseqüentemente, trocou as reflexões e opiniões subjetivas do escritor incluídas nas narrativas por informações diretas, que são interiorizadas pelos leitores, sem a necessidade de muita reflexão ou análise dos fatos jornalísticos. A pirâmide invertida sugere uma idéia de objetividade e imparcialidade, que parece simplificar o fazer jornalístico e conseqüentemente, a absorção por parte dos leitores dos conteúdos das notícias. Além disso, a técnica começou a ser desenvolvida em um período de modernização, na qual os meios de comunicação de massa começaram a se difundir na sociedade e atingiram públicos cada vez maiores. As novas possibilidades de transmissão de informações criaram um ambiente favorável à produção incessante de notícias e a pirâmide invertida facilita o

acesso dos leitores à informação, uma vez que o lead contém os principais pontos do acontecimento.

A forma literária (ou pirâmide normal), dificultava a leitura das notícias, porque elas eram sempre apresentadas por um comentário, que deveriam aguçar a curiosidade dos leitores, criando um efeito chamado de nariz-de-cera. Em seu manual do jornalismo, Mário Erbolato divide esse esquema literário em: “a) detalhes da introdução; b) fatos de crescente importância (visando criar suspense); c) fatos culminantes; d) detalhes”.²⁷ Essa estrutura pode ser comparada à narrativa clássica proposta por Benjamin, pois apresenta a narração em ordem cronológica e instiga a curiosidade do leitor.

De acordo com Mário Erbolato, o *lead* é “o parágrafo sintético, vivo, leve com o que se inicia a notícia, na tentativa de prender a atenção do leitor”.²⁸ O lead deve responder às perguntas básicas (Quem?, Quê?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê?), agilizando a leitura e direcionando os leitores na busca de notícias que possam interessar a eles. Com os diversos periódicos e as novas tecnologias, há um grande fluxo de notícias, o que dificulta, ou mesmo impossibilita, a leitura das matérias de todos os veículos diariamente. Para Erbolato, o *lead* funciona como uma ruptura com esse modelo e sua estrutura deve seguir a seqüência: “a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis”.²⁹

Dessa forma, é possível encontrar as informações básicas da notícia no primeiro parágrafo do texto e o leitor pode optar por continuar sua leitura, para conhecer mais detalhes da notícia, ou seguir para uma outra matéria, que lhe seja mais interessante. O jornalista Adelmo Genro acredita na tese de que a “fórmula” da pirâmide invertida caminha do “mais importante” para o “menos importante”; sendo o lead o condutor principal. Mas também amplia o conceito de que a notícia pode partir do singular para o particular, do cume para a base. O *lead* se tornou o símbolo de objetividade, neutralidade e imparcialidade do jornalismo moderno, substituindo a antiga técnica narrativa – dependente de artifícios literários – e trocando o “nariz de cera” por um ideal de “espelho da realidade”.

²⁷ ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.66.

²⁸ *Ibidem*, 67.

²⁹ *Ibidem*, p.66.

Muitos jornalistas não aceitaram o uso do *lead*, por acreditarem não ser admissível tanta objetividade nos jornais. Os defensores dessa técnica acreditam que ele não deve ser entendido como uma trava ao modo de escrever de diferentes jornalistas, mas como uma forma de potencializar os critérios da escrita, aumentando a eficácia da comunicação jornalística. Para os defensores, a possibilidade de ser criativo e inovador pode existir mesmo com a pirâmide invertida, dependendo do jornalista saber apresentar a notícia, através de uma das inúmeras variações do *lead*.

O uso da “pirâmide invertida” modernizou os textos jornalísticos e colaborou para a formação de uma outra técnica, adotada pelos jornais: a *suite*. De acordo com Erbolato, “a *suite* é a seqüência que se dá a um assunto, nas edições subseqüentes do jornal, quando a matéria é quente e continua a despertar o interesse dos leitores”.³⁰ As *suites* devem ser utilizadas quando novidades surgem de um fato que anda não havia sido completamente resolvido, ou quando algum personagem envolvido na história ainda não tenha se pronunciado, ou mesmo quando acontecimento toma novos rumos. De acordo com os manuais de redação, as *suites* devem aparecer logo após o lead da notícia, resumindo o que já foi publicado, para que a memória do leitor seja acionada, ou para que os leitores que não haviam acompanhado a notícia anteriormente possam entender o fato.

Nova linguagem: criação do mito da objetividade e neutralidade

Além da técnica para estruturar e padronizar os textos jornalísticos – o *lead*, os jornais (através dos seus manuais de redação) exigem que determinadas regras de linguagem sejam utilizadas por seus jornalistas. A lista de termos condenados nas redações dos jornais vai desde o uso de adjetivos, de palavras difíceis, de siglas, de jargões, de expressões idiomáticas até questões como ordem direta nas frases, uso de orações curtas e preferência da voz ativa. O jornalismo precisava se tornar mais forte e objetivo e não literário e emotivo. A primeira regra dos manuais para os jornalistas diz a respeito da proibição de parcialidade e de subjetividade, em relação ao texto produzido. Mário Erbolato afirma que “o segredo da boa notícia não depende da maneira como chega ao receptor. É preciso evitar que ela seja influenciada pelo repórter, que poderá

³⁰ Ibidem, p.74.

distorcê-la, com a sua apreciação pessoal e apaixonada”³¹, mas o autor também assume que “é difícil escrever com imparcialidade, porque o jornalista, ao narrar um acontecimento, pode encará-lo do ponto de vista favorável aos seus interesses e sujeito à suas emoções momentâneas.”³²

A objetividade jornalística, ou seja, a relação entre o que aconteceu e o que foi relatado, continua sendo um ponto “sagrado” para a produção do jornalista. As idéias de objetividade e neutralidade já começavam a ser desenvolvidas no Brasil, mas foi nos anos 50, com todas as reformas jornalísticas, que essas idéias foram “sacramentadas” nas redações dos jornais. A partir desse momento, as faculdades e os manuais de jornalismo, utilizavam esses conceitos como regras consideradas primordiais para um bom texto. Acreditava-se que dessa forma, haveria um real distanciamento do jornalista com o acontecimento, que resultaria em uma notícia isenta de valores ou ficção. Na história da imprensa, a objetividade esteve muito mais relacionada com uma prática profissional do que com uma questão filosófica. Podemos entender a objetividade jornalística como uma tentativa de distanciamento do jornalista com aquilo que ele relata, aproximando-se do conceito de imparcialidade, que busca um compromisso do emissor com a não-intervenção pessoal ou interesse particular com o que ele noticia. A linguagem e a impessoalidade são utilizadas para dar a impressão de que os fatos estão se expondo por si mesmos, sem a intervenção de um interlocutor.

Uma vez que o fazer jornalístico necessita de procuras, seleções, apurações e explicações dos acontecimentos, que são utilizados e aplicados de acordo com a percepção de cada jornalista, a objetividade parece se tornar um desejo utópico que nunca será alcançado, tornando-se um mito nas redações jornalísticas. A própria utilização de diversos meios – escrito, televisivo, hipertextual – implica usos de esquemas e linguagens, que servem para interpretar uma realidade e não refleti-la ideologicamente. Para muitos autores, a notícia não é o acontecimento somente em si, puro, intocado; mas também o relato no qual foi interpretado e analisado e a forma como foi abordado.

A problemática dessa questão reside na necessidade de admitir que há uma influência pessoal do jornalista, uma subjetividade que se disfarça – através de técnicas e estruturas – em uma intenção objetiva no relato do acontecimento. O jornalismo é um

³¹ Ibidem, pp.90-91.

³² Ibidem, p.91.

palco onde ocorre uma constante briga entre os fatores ligados à objetividade e à subjetividade, que apesar de contraditórios se tornam complementares na produção das notícias.

A idéia de objetividade acaba levando a uma tentativa de disfarce da subjetividade do jornalista, o que impede a percepção imediata da forma narrativa presente nas notícias. Há uma divisão entre os jornalistas que encaram o trabalho jornalístico como relatar informações e os que acreditam que narram histórias. Para Tzvetan Todorov, a notícia, assim como narrativa literária, apresenta uma história e um discurso:

Ela é história no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Mas a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a recebe. Neste nível, não são os acontecimentos que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.³³

Nessa discussão, o que se questiona é a veracidade dos fatos transformados em notícias. Para muitos jornalistas, não é possível entender a produção de notícias como narrativas, pois isso acarretaria na afirmação de que o jornalismo é uma variação da literatura, ou seja, uma ficção; e isso colocaria em dúvida a veracidade do trabalho e da produção jornalística.

Em relação ao “fracasso da objetividade” e à destituição dessa base do comprometimento jornalístico com a veracidade dos fatos, Adelmo Genro faz a seguinte consideração sobre a importância da subjetividade do indivíduo:

A maioria dos autores reconhece que a objetividade plena é impossível no jornalismo, mas admite isso como uma limitação, um sinal da impotência humana diante da própria subjetividade, ao invés de perceber essa impossibilidade como um sinal da potência subjetiva do homem diante da objetividade.³⁴

³³ TODOROV, Tzvetan apud COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto; MOTTA, Luiz Gonzaga. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXVII, n.º2, Julho/Dezembro de 2004, p.38.

³⁴ FILHO, Adelmo Genro. *O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Ortiz. p.186.

Novo Jornalismo: reaproximação dos moldes literários

Em contrapartida ao uso do lead nas notícias, a reportagem trouxe elementos da literatura, surgindo o gênero jornalístico conhecido como Novo Jornalismo (*New Journalism*). Se as reportagens jornalísticas são as notícias que precisam de mais tempo para sua apuração e produção, com uma investigação mais demorada; as reportagens literárias utilizam, além das características acima, recursos literários para reforçar o que não seria dito simplesmente pelas formas jornalísticas. O novo jornalismo não se preocupa tanto com a exatidão das palavras e dos acontecimentos, como acontece no jornalismo tradicional. As narrativas do cotidiano utilizadas nos jornais impressos se assemelham a esse estilo quanto ao uso de recursos literários; porém, diferentemente do Novo Jornalismo, as narrativas do cotidiano disfarçam a subjetividade através das técnicas jornalísticas. De acordo com os jornalistas e escritores que produzem essa “literatura de não-ficção” nesse estilo, eles devem buscar a alma de seus entrevistados e de seus fatos, encontrando nuances nos gestos e nos contextos situacionais, que devem ser transportadas para o mundo da linguagem, das palavras. Sobre o novo gênero jornalístico, Gay Talese afirma:

Embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem.³⁵

Nos Estados Unidos, Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe são referências do gênero com reportagens-narrativas que ficaram muito conhecidas e do estilo de escrever que mistura jornalismo e literatura. O estilo do novo jornalismo não foi adotado nas notícias do cotidiano do jornalismo impresso, sendo utilizado em publicações especializadas ou divulgadas na internet. Sobre a técnica do Novo Jornalismo, Adelmo Genro afirma: “(...) trata-se de um gênero muito difícil, pois exige

³⁵ TALESE, Gay. *Fama & Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.9.

uma superposição do talento literário e de apuradas técnicas de investigação e de redação jornalística, uma vez que o resultado deve articular harmonicamente os efeitos estéticos e jornalísticos, sem que um supere o outro”.³⁶

3.4. A Narrativa do Cotidiano nas Notícias

Para percebermos o caráter narrativo usado atualmente nas notícias, é necessário entendermos que elas são um “produto cultural, cuja magnitude vai além do ato de informar, situando o indivíduo na complexa sociedade contemporânea”.³⁷ A narrativa não existe de maneira isolada em cada notícia, uma vez que a técnica da pirâmide invertida é utilizada como padrão em grande parte dos jornais impressos, mas é estruturada gradativamente, dia após dia, acompanhando os fatos, seus desencadeamentos e suas repercussões. Essa seqüência sobre um mesmo assunto, por dias ou semanas compõe uma narrativa do cotidiano, na qual se misturam elementos jornalísticos e elementos narrativos. A narrativa presente nas notícias é construída através da trama, das personagens, da sucessão de eventos, das mudanças no rumo do acontecimento e, dessa forma, é estabelecido um vínculo com o leitor. A partir desses fragmentos diários ou semanais, constrói-se um texto maior que apresenta começo, meio e fim e muitos elementos característicos de textos ficcionais. Através dessas seqüências cotidianas, os leitores percebem a realidade que os cercam e se inserem socialmente no mundo contemporâneo. Essas narrativas existentes nos textos jornalísticos podem refletir a realidade social e reforçar os valores culturais e ao mesmo tempo, transformá-la, influenciando os leitores pelos discursos simbólicos inseridos nas notícias.

Atualmente, consumir notícias se tornou um hábito cultural relacionado ao homem moderno, que sente a necessidade de receber as informações o tempo todo, independente do conteúdo ou veículo recebidos. A idéia utilização da internet como ferramenta de busca de conhecimento torna-se cada vez mais disseminada, tanto para

³⁶ FILHO, Adelmo Genro. *O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Ortiz. p.200.

³⁷ MOTTA, Luiz Gonzaga. “Para uma Antropologia da Notícia”. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXV, n.º2, Julho/Dezembro de 2002. p.12.

assuntos de interesses específicos, quanto para as notícias do cotidiano. Essa necessidade humana cada vez maior, de obter conhecimento está intrinsecamente ligada ao ritmo de vida da atualidade, faz parte do cotidiano conhecer o mundo através dos textos jornalísticos.

O hábito de consumir notícias proporciona as reiteraões simbólicas necessárias à sedimentação de conteúdos que são contados e recontados diariamente. (...) A recorrência regular de conteúdos, cristalizados em conteúdos diversos, reforça as percepções de padrões culturais de arquétipos no inconsciente coletivo. As notícias são uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reiteração. As histórias são as mesmas, contadas e recontadas diariamente pelos jornais, revistas e telejornais.³⁸

Devemos perceber que essa repetição, ou seja, a construção narrativa seqüencial, é muito usada em jornais populares, que buscam cativar um público leitor, através dessas histórias segmentadas. Considerando que consumir os jornais diariamente pode ser um peso financeiro para uma grande parcela da população, os jornais populares investem em promoções, sorteios e premiações variadas para atrair os leitores. Aliados às narrativas seriais, que seduzem e emocionam os leitores, tornam-se recursos para conquistar e manter o público do jornal.

A produção jornalística é um sistema simbólico que está constantemente provocando a memória do leitor, através da retomada de assuntos, misturando realidade e fantasias. Elas são fatos históricos, pois são escritas a partir de acontecimentos reais; e são fantasias, pois assumem uma subjetividade dos valores sociais que estão impregnados nos homens. São essas características que nos fazem perceber a narrativa jornalística como um retorno à narrativa clássica, tão valorizada por Benjamin, com a presença de mistificações, ensinamentos morais e repetição contínua, fundamentando-se na repetição, na constante lembrança das mesmas histórias, mesmo que ela seja contada com novos personagens e cenários, a trama inicial permanece.

Dessa forma, repetindo as temáticas das notícias e associando-as ao consumo contínuo de informações, os valores culturais são reforçados e internalizados dentro dos grupos sociais. Muitos acontecimentos são divulgados pela mídia porque assumem uma divisão entre valores: ético e antiético, moral e imoral; e despertam os valores

³⁸ Ibidem, p.14.

simbólicos sociais através das narrativas em que se inserem, e, portanto, um caráter mítico que evoca a imaginação e as utopias dos leitores. O uso das narrativas nos mostra dois aspectos importantes: elas são produções discursivas que intervêm na dinâmica social dos sujeitos, fazendo uma manutenção ou uma transformação na sua realidade e também resgatam parcelas das experiências, enfatizam valores, e determinam atitudes sociais. Nesse caso, as experiências vividas cedem lugar às experiências observadas: percebemos o mundo que nos cerca através do olhar do jornalista e de suas escolhas na produção da notícia, e assim, interiorizamos conceitos, valores éticos e morais. Elas adquirem um poder na vida social e na forma como encaramos o outro, utilizando-se dos valores e das tradições para estabelecer uma ordem na convivência social.

A organização da notícia, quando baseada na forma narrativa, utiliza os artifícios literários para relatar a sucessão dos fatos, entre eles: antítese, gradação e paralelismo. A antítese ajuda a construir o conflito narrado; a gradação colabora para a criação do suspense e para a não-existência da monotonia e o paralelismo, contribuindo com a alternância de ações, de seqüências. A apresentação gradativa dos fatos mostra outra característica narrativa: a repetição, que expande a narrativa e aumenta a curiosidade do leitor. Todos esses recursos são utilizados para captar a atenção do leitor, fazendo com que ele se interesse pela história e queira saber o desenlace da mesma.

Enquanto construções simbólicas da realidade, as notícias admitem um caráter narrativo e fantasioso, misturando elementos objetivos e subjetivos. Porém, essas narrativas dos acontecimentos relevantes não podem ser consideradas simples invenções ou somente reproduções de mitos, ou não receberiam credibilidade dos leitores para que continuassem a serem produzidas. A intenção jornalística é a de divulgar os fatos relevantes e comprometidos com a realidade das histórias que são narradas, e é essa intenção que assegura a existência dos jornais até hoje, inspirando credibilidade e confiança nos leitores. Esses mitos, contudo não podem ser desvencilhados da condição humana, pois os homens, enquanto seres subjetivos, apresentam uma complexidade que inclui muitos mitos culturais.

A narração construída a partir de uma realidade pressupõe uma objetividade, uma narração espelhada na realidade, que cria no leitor uma credibilidade nos personagens, nos espaços e nas tramas. Os jornalistas estão sempre buscando um distanciamento pessoal para que o relato do fato seja o mais próximo possível do real, a

objetividade e a neutralidade, como já foi analisado, são imposições nas redações jornalísticas. Entretanto, os jornalistas são sujeitos sociais como todos os outros e também estão impregnados de valores simbólicos complexos, que interferem na escolha, na abordagem, na linguagem utilizada para escreverem as notícias e é essa impossibilidade de total isenção da subjetividade que cria o “mito da objetividade e imparcialidade”. Os homens têm os mitos como parte integrante da sua existência, sendo difícil distinguir o que é lógico do que é fabulação interiorizada. Apesar de toda a contradição existente nesse ideal, as escolas de jornalismo e as redações dos grandes jornais ainda declaram que o bom jornalismo deve ser exclusivamente objetivo e divulgam essa idéia aos leitores, como um compromisso com a verdade. “Na contemporaneidade, o jornalismo é o lugar por excelência de realização da ambigüidade e da complexidade da experiência do ser humano”.³⁹

Essa ambigüidade do texto jornalístico é justamente um dos pontos que a análise da narrativa tenta explicar: como a notícia pode relatar objetivamente um acontecimento e servir como espaço simbólico de reiteração dos valores, carregada de emoção e moralidades. Percebemos a existência desses pontos contraditórios na fragmentação das notícias, no recorte dado pelo jornalista ao fato relatado. As notícias representam partes de acontecimentos, que foram selecionados na realidade e que são narradas como uma história aberta, que pode apresentar um complemento no dia seguinte e assim, sucessivamente. Para que essas histórias sejam relacionadas e tenham sentidos completos, é necessário que os homens busquem na memória e nos valores sociais, a construção dos sentidos.

Se as notícias são, por um lado, o espelho da realidade ou registro objetivo da história, elas também são, por outro lado, cenários das tragédias modernas, relatos dos conflitos e dramas humanos, e contêm, portanto, sentidos subjetivos, estão carregadas de emoções e tensões.⁴⁰

³⁹ Ibidem, p.20.

⁴⁰ Ibidem, p.20.

Análise da Narrativa

A análise da narrativa ou narratologia consiste em uma análise literária que é utilizada para analisar o texto da notícia, ou seja, perceber como as notícias, dia após dia, remontam ao uso de uma narrativa do cotidiano, através do uso de objetividade e subjetividade na linguagem jornalística. É preciso enfatizar que individualmente, as notícias não são escritas na forma de narrativa clássica (com exceção dos *fait divers*, já analisados anteriormente). As notícias isoladas ainda são caracterizadas pelo uso de *lead* e da “pirâmide invertida”, que apresentam os fatos, disfarçados na objetividade e neutralidade. Entretanto, quando analisadas na sua recorrência serial, as notícias apresentam significados e características que remetem o uso da narrativa utilizada na literatura. Nesse trabalho, a análise da narrativa que será feita em algumas notícias de um jornal popular, utiliza os conceitos e divisões, formulados por Luiz Gonzaga Motta.

A análise narratológica se preocupa com a história, com o enredo e com as tensões entre as personagens. O foco dessa análise não está no discurso propriamente dito, mas em como a construção narrativa evoca sentidos nos leitores. A análise discursiva e o plano lingüístico não são os pontos principais nesse caso, embora não devam ser totalmente descartados, mas valorizam-se as emoções e os valores que complementam a razão e a lógica existentes na contradição objetividade e subjetividade presentes nos homens. Além disso, a análise da narrativa não pretende demonstrar que o jornalismo seja literatura, mas perceber como ele utiliza certas características literárias na produção de notícias.

Para analisar as narrativas presentes nos textos jornalísticos atuais, Gonzaga Motta afirma que precisamos levar em conta duas vertentes: primeiramente, devemos identificar as representações, os valores, as imagens, os significados construídos, relacionando-os com a cultura e a ideologia de um grupo social, percebendo como esses sentidos pertencentes ao grupo foram tomados pela narrativa. Os jornais populares fazem muito apelo à emoção e aos sentimentos dos seus leitores, comparando dramas que poderiam ser encontrados na vida dos seus leitores. Em segundo lugar, precisamos perceber a relação entre os produtos e os sujeitos, buscando esclarecer como uma determinada construção discursiva em uma notícia pode influenciar os sujeitos e ao mesmo tempo, ser ativada por eles. Da mesma forma, os jornais populares constroem

uma realidade que equivale a realidade dos seus leitores, gerando discussões sobre temas e valores que permeiam o cotidiano do seu público.

Para aplicar essa metodologia narratológica, Luiz Gonzaga Motta, afirma que três passos são fundamentais para a metodologia da análise narrativa: identificar a organização da notícia, perceber os recursos objetivos e subjetivos utilizados e observar a escolha dos temas noticiados e suas repetições no jornal.

Identificar a organização da notícia em termos de narrativa, significa perceber como o emissor utiliza certas regras textuais, para produzir sentidos pré-determinados por eles nos receptores, alcançando o objetivo jornalístico de informar e tornar fiel o leitor. De acordo com Luiz Gonzaga Motta:

Esta etapa da análise é importante porque os enunciados dependem decisivamente dos fatores extralingüísticos do emissor e do destinatário. Conhecer o lugar de fala do emissor, o lugar de leitura do receptor e as circunstâncias de tempo do ato comunicativo são imprescindíveis para a interpretação. (...) as notícias são organizadas enquanto texto para produzir certas reações de sentido, o que lhes confere uma singularidade no processo comunicativo-jornalístico.⁴¹

A análise deve prosseguir verificando os elementos que constituem efetivamente a narrativa, procurando identificar qualquer traço de subjetividade e emoção. Deve-se perceber que existem traços que servem para unir a seqüência narrativa e é nesta união, que se encontram os pontos importantes para a análise. Para esta percepção, Gonzaga Motta afirma:

Essas pistas podem estar no uso de certos verbos ou certos tempos verbais, na adjetivação, na linguagem hiperbólica, descrição excessiva ou ornamental de detalhes, nas injunções, comparações, referências metafóricas, significados figurativos, nas digressões em torno de personagens, nas polaridades, nas analogias, etc.⁴²

Por fim, devemos buscar os temas recorrentes, os valores sociais, a moralidade e também, a necessidade de compartilhar uma memória cultural comum com o leitor. Se as notícias narradas podem ser recorrentes, os acontecimentos relatados em tempos

⁴¹ Ibidem, pp.22-23.

⁴² Ibidem, p.23.

diferentes apresentam novos personagens e cenários, mas a intriga pode ser a mesma, tal qual uma repetição que aciona a memória e os valores sociais e instiga determinadas reações nos leitores. Após essas análises, Gonzaga Motta afirma que se deve prosseguir com a análise tematólogica dedutiva, se os processos anteriores foram ricos o suficiente para definir com clareza e exatidão todos os “sentidos metafóricos, ideológicos e mitológicos. Os que antes eram ‘ingênuas’ notícias de conteúdos imediatos se mostram agora plenas de sentidos mitológicos, de desejos, ilusões, utopias”.⁴³ Nas notícias retiradas de um jornal popular que analisaremos a seguir, poderemos perceber como essas narrativas foram construídas e como essas temáticas simbólicas estão presentes nos textos jornalísticos.

⁴³ Ibidem, p.24.

4. ANÁLISE DO JORNAL O DIA

Utilizando a análise de conteúdo, podemos perceber como os jornais da atualidade – principalmente os jornais populares – constroem a grande narrativa que conecta os homens no mundo e cria laços de reconhecimento e identificações sociais. Essas narrativas divididas em seqüências, que são publicadas de forma gradativa, é o foco da análise feita neste trabalho.

4.1. Panorama histórico do jornal O Dia

O jornal O Dia completou 55 anos em 05 de junho de 2006, e mais uma vez, sofreu mudanças na diagramação e também na forma de abordar os assuntos. O jornal conta com diversos colunistas respeitados em suas áreas de atuações profissionais, tais como Dacio Malta, Ricardo Boechat, Luís Nassif, Marcelo Rubens Paiva, Ricardo Noblat, Milton Cunha, Teixeira Heizer e Sônia Alves. O jornal passou a publicar as crônicas de Néelson Rodrigues, aos domingos e segundas-feiras. Além disso, O Dia inclui, em dias diferentes, três revistas com assuntos especializados: “O Guia Show & Lazer” – às sextas-feiras, “O Guia Nossos Bichos” – aos sábados, e a revista “Tudo de Bom!” – aos domingos.

As novas mudanças no projeto gráfico foram usadas em 02 de abril deste ano e o jornal recebeu mudanças na logomarca (letra branca em um fundo laranja e azul), que “reflete o período que a Terra leva para dar a volta em torno de si. O dia apresenta duas faces, a diurna e a noturna, que são expressas nas novas cores”,⁴⁴ e também no *slogan* “Evoluindo para você”. Essas mudanças foram explicadas pela atual diretora-presidente do grupo O Dia de Comunicação, Gigi de Carvalho: “Monopólio de informação não combina com democracia. Ao contrário, é uma ameaça. O Dia muda em favor da diversidade, de seus leitores, anunciantes e da sociedade como um todo”.⁴⁵

Fundado em 1951, por Chagas Freitas, Othon Paulino e Sampaio Mitke, o objetivo inicial do jornal era conquistar leitores e permanecer próximo à camada popular, o que acontecia através de histórias que envolviam violência sexo e entretenimento. As notícias – destaque para o noticiário policial – eram exageradas e os

⁴⁴ O Dia, 05/06/06.

⁴⁵ O Dia, 05/06/06.

aspectos fictícios, valorizados. No Brasil, os jornais O Dia, a Última Hora e a Luta Democrática foram exemplos de jornais sensacionalistas e muitas vezes, sanguinários. A ênfase nesse tipo de matéria e abordagem era tão grande, que esses jornais ficaram conhecidos como “espreme-sai-sangue”. Muitos desses jornais mantinham relações estreitas com políticos e seus proprietários recebiam benefícios do Governo, tanto para os jornais, quanto para suas vidas políticas. Com o passar dos anos e a profissionalização do jornalismo, não havia espaço para essas publicações, sensacionalistas e partidárias.

A primeira mudança importante no jornal O Dia, foi a sua venda para Ary de Carvalho, em 1983, por um valor considerado irrisório. O novo proprietário investiu maciçamente no jornal, na intenção de transformá-lo em uma publicação com credibilidade e objetividade. A idéia era conquistar novos públicos, acostumados com os estilos de diagramação e textos de “O Globo” e do “Jornal do Brasil”, porém, sem perder os antigos leitores, que acompanhavam o jornal O Dia. As transformações no jornal foram lentas, pois ele tinha se impregnado muito com o sensacionalismo e com a imagem de sanguinário. Ary de Carvalho comprou novos equipamentos, treinou os funcionários e modernizou o jornal em um processo gradual e eficaz. A conquista de um público mais abrangente fez com que as organizações Globo lançassem um jornal, que competiria com o mesmo público de classe média e baixa: o jornal “Extra”. Ambos os jornais, valorizam as notícias do cotidiano carioca, que envolvem política, economia, violência e celebridades, as revistas de assuntos gerias e as promoções.

Paralelamente, o Grupo O Dia também passou a publicar um novo jornal, em formato de tablóide: o jornal “Meia Hora”, em setembro de 2005, com distribuição inicial no período da tarde. Hoje, o “Meia Hora” circula nos fins de semana e também suplementos, e é direcionado para um público popular, especialmente pelo tipo de notícias e pelo preço (R\$0,50).

Atualmente, O Dia continua sendo um jornal com características populares, mas que apresenta notícias de interesse de grande parte da população, no entanto, está buscando um apelo com as classes mais altas. Com isso, o jornal consegue ampliar seu público leitor e ganhar mais credibilidade, transformando gradativamente o jornal popular em um jornal com credibilidade e respeito enquanto veículo sério de comunicação.

4.2. Análise de Notícias

Nesta parte, iremos analisar como as notícias divulgadas no jornal O Dia seguem a estrutura narrativa estudada anteriormente, como apresentam uma temática já divulgada e conhecida dos leitores e como recorrem à repetição e à reiteração gradativa para captarem esses leitores e criarem um público cativo. Os três casos escolhidos – a morte do traficante de drogas Bem-Te-Vi, a falsificação dos vale-transportes eletrônicos e o julgamento de Suzane Von Richthofen e dos irmãos Cravinhos – são ligados à violência e à corrupção e apresentam particularidades, que serão observadas separadamente.

A primeira seqüência foi escolhida porque o assunto tratado apareceu na capa do jornal por oito dias seguidos, entre 30 de outubro e 6 de novembro de 2005; e alguns fatores relacionados ao traficante assassinado, como pessoas envolvidas com o traficante e novas situações foram noticiadas gradativamente, formando a narrativa seqüencial. A temática de tráfico de drogas e crimes é recorrente em jornais populares, está associada ao cotidiano dos moradores do Rio de Janeiro, onde as favelas são formadas nos morros e controladas por traficantes e provoca o sentimento de indignação nos leitores. Uma vez que esses bandidos não são punidos de forma eficaz pela justiça brasileira, muitos cidadãos não se chocam com o assassinato de pessoas envolvidas com o tráfico, e “aceitam” essas mortes como castigo para os bandidos, transformando os valores sociais.

O segundo grupo de notícias foi publicado em forma de reportagem especial durante oito dias, expondo um tema que interessa a um grande número de indivíduos; uma vez que o vale-transporte eletrônico é utilizado por uma camada da classe média e baixa, formadas por muitos trabalhadores, que usam o transporte público para se deslocarem de suas casas para o trabalho e essas pessoas podem ser o público leitor do jornal. A denúncia do primeiro dia de notícia foi apresentada o problema e os dias seguintes foram dedicados aos envolvidos e culpados. Para finalizar a narrativa, eles retomam o ponto de partida, denunciando o mesmo esquema de falsificações para os vales-refeições.

Finalmente, a terceira série de notícias se refere a um assunto de conhecimento nacional, o julgamento de Suzane Von Richthofen e Daniel e Cristian Cravinhos,

acusados de se envolverem em um crime bruto e planejado friamente, o assassinato de Marísia e Manfred Von Richthofen, pais de Suzane. Essa seqüência, publicada entre os dias 30 de maio e 6 de junho de 2006, foi escolhida porque mostra como o jornal abordou o assunto durante uma semana antes do julgamento, recordando o assassinato, atualizando as informações sobre o julgamento e cuja punição, envolvia também a eficácia das leis brasileiras.

Percebemos que certas escolhas do jornal O Dia, tais como a estrutura de narrativa serial, a linguagem, o discurso implícito, as expressões, os dispositivos gráficos, as fotografias e o uso de cores, influenciam na forma de percepção e no entendimento dos leitores, além de provocarem os sentidos emocionais e dramáticos e reiterarem valores sociais, possíveis para cada uma das situações que serão apresentadas.

4.2.1. A morte do traficante Bem-Te-Vi

O jornal O Dia dedicou uma semana – entre os dias 30 de outubro e 6 de novembro de 2005 – de notícias referentes à morte do principal traficante da favela da Rocinha, Erismar Rodrigues Moreira, também conhecido como Bem-Te-Vi, em decorrência de uma emboscada preparada pela polícia do Rio. O diferencial dessas notícias seqüenciais é que todas as matérias tiveram destaque na capa do jornal, ainda que publicadas em diferentes espaços e tamanhos durante a semana. Tratar um assunto na capa de um jornal significa percebê-lo como importante ou relevante para a sociedade; no entanto, em se tratando de jornais populares, a necessidade de cativar um indivíduo e torná-lo um leitor assíduo também influenciam na escolha dos acontecimentos que são noticiados na capa. O assassinato de um traficante influente e a conquista da polícia com os transtornos provocados no tráfico de uma facção criminosa são associados a uma luta entre o “bem e o mal”, que provoca a curiosidade dos indivíduos e enraíza valores sociais.

A série de notícias começou pelo assassinato do traficante, quando o jornal publicou uma “cobertura especial” sobre o esquema armado pela polícia para prender o chefe do tráfico. A presença da narrativa pode ser percebida a partir do nome do

esquema policial – Operação Tróia – que assume um posicionamento fictício ou épico à decisão de capturar o traficante. Logo abaixo da manchete, são os principais pontos apurados pelo jornal e as características da emboscada, assegurando credibilidade ao que será relatado e desperta confiança no leitor. O uso de fotografias e gráfico explicando a ação policial confere ainda mais veracidade ao fato, juntamente com as cores escolhidas (letras brancas em um fundo preto) para escrever a notícia. A manchete – Polícia mata Bem-Te-Vi – e os subtítulos da matéria transmitem ao leitor um alívio em relação à morte de um bandido e não a condenação a um ato de violência provocado pela polícia, refletindo valores sociais que se disseminam na sociedade, especialmente considerando um público leitor de baixa renda, que vive cercado pelas misérias e pelas agressões no cotidiano.

A segunda matéria a respeito de Bem-Te-Vi nos informa sobre a tentativa de fuga da mulher do traficante, e que foi presa no aeroporto, pouco antes de embarcar para o Nordeste do país. A chamada da matéria ocupa metade do jornal e mostra fotos do traficante armado e da tatuagem de sua namorada com a frase “B. Amor eterno, amor verdadeiro”. O enfoque da notícia é no fato de que muitas mulheres continuam se envolvendo com chefes do tráfico e aceitam participar de esquemas corruptos em nome dessas paixões. As decisões operacionais da polícia em consequência da morte do bandido, também recebem destaque, uma vez que esse assassinato do chefe do tráfico na Rocinha poderia gerar outros conflitos, tanto dentro da favela quanto entre facções criminosas concorrentes.

No terceiro dia dedicado a notícias consequentes à morte de Bem-Te-Vi, o jornal O Dia destaca que um último desejo do traficante foi atendido pelos seus comparsas: o assassinato de integrantes do tráfico, os quais ele não confiava. Entre eles, o próprio cunhado de Bem-Te-Vi, que de acordo com a apuração do jornal havia se declarado novo chefe do tráfico no dia anterior. Nesse ponto, a narrativa jornalística toma forma de narrativa literária, pois segundo o jornal, o próprio traficante teria dado a ordem de execução de membros do seu grupo, se ele fosse morto; e dessa forma, os bandidos teriam se reunido e decidido seguir com as instruções de Bem-Te-Vi e assassinado por volta de oito pessoas envolvidas no tráfico. A dúvida sobre essa questão também foi apresentada na capa, pois policiais afirmaram que essas informações sobre a morte de outros membros do tráfico poderia ter sido inventada para despistar a polícia. A

seqüência narrativa se mantém aberta, podendo ter novos rumos e novas descobertas. Para completar a trama, outra “viúva” do traficante Bem-Te-Vi, Monique do Rego Rizzo, é chamada para depor, aumentando o número de personagens ligadas amorosamente ao bandido.

A segunda namorada de Bem-Te-Vi ganha destaque no quarto dia dedicado a notícias sobre o traficante, pois Monique Rizzo, que foi presa por envolvimento com o tráfico, já havia se envolvido com outro traficante, o Tota, do Complexo do Alemão. De acordo com o jornal, Monique havia trocado Tota por Bem-Te-Vi e esse antigo namorado pretendia matar a jovem.

A trama de Monique Rizzo continua com a notícia de que ela também havia se envolvido com um outro bandido, enquanto namorava o traficante Bem-Te-Vi: O bandido Pedro Dom. Por causa desse romance, Bem-Te-Vi teria expulsado Pedro Dom da favela da Rocinha, dias antes de ele ser assassinado. A manchete compara a situação de Bem-Te-Vi, o namorado traído, a situação de um personagem da então novela “América”, de autoria de Glória Perez, na qual o personagem Feitosa também é traído pela sua mulher. As notícias relacionadas ao traficante ganham ainda mais caráter fictício com a comparação entre vida real e novela.

Com menor destaque, a trama de Bem-Te-Vi continua com a informação de que ele recebera a notícia de que seria pai novamente pouco antes de ser assassinado pela polícia. O jornal publicou que enquanto o traficante festejava, os policiais aguardavam o momento ideal para atacar o bandido.

O traficante recebe mais destaque no jornal, quando um dos seus sócios, o Sassá, foi preso na favela da Maré e ofereceu um milhão de reais à polícia para que ele pudesse escapar da cadeia. Nesse mesmo dia, são publicadas várias notícias sobre violência, tráfico de armas e drogas e mortes.

Na última capa com assuntos relacionados a Bem-Te-Vi, o jornal utiliza uma história em quadrinhos para remontar a emboscada preparada pela polícia e publica a seguinte manchete: “Os segredos, minuto a minuto, das últimas 10 horas de Bem-Te-Vi”, fechando a narrativa construída durante toda a semana. Essa manchete enfatiza o uso de expressões literárias, valorizando a cronologia e a seqüência narrativa e reitera o acontecimento, expondo novamente valores éticos e morais presentes na sociedade. O

texto que acompanha a manchete ajuda a criar um suspense em torno do acontecimento narrado:

Foram 10 horas de tensão para os 10 policiais que mataram Bem-Te-Vi. Nessa eternidade de tempo, ficaram sem água e quase foram descobertos. Tudo começou com o aluguel do imóvel, 10 dias antes. Na hora do matar ou morrer, um policial arrancou um ar-condicionado buscando melhor ângulo. Bem-Te-Vi tentava escutar música num bar. Não ouviu nem o primeiro verso da canção.⁴⁶

As notícias divulgadas durante esses oito dias refletem a sensação de aflição e de medo na qual vivem os cidadãos do Rio de Janeiro. Enquanto seres humanos, o mais correto seria repudiar essa onda de assassinatos, e a mídia deveria ser o local público para discutir dessas atrocidades que se tornam cada vez mais comuns. Porém, o grau de angústia e de sofrimento dos cariocas (medo dos bandidos, certeza da impunidade, falta de segurança) é tão grande que o crime cometido pelos policiais se justifica como um castigo para bandidos, traficantes e corruptos em geral. A trajetória de vida dessas pessoas e o desfecho de suas vidas recebem um valor de punição pelos dramas e tragédias que causaram durante suas vidas. O uso dos adjetivos, das expressões sentimentais e da construção da narrativa transformaram a notícia em uma reafirmação dos valores sociais. Os crimes relacionados ao tráfico de drogas e armas é tema constante nas páginas dos jornais, ele é recontado frequentemente (com novos personagens, em novas circunstâncias) e ativam a memória dos leitores, complementando e reforçando os sentidos expostos nos textos jornalísticos.

4.2.2. A falsificação dos vales-transportes eletrônicos

A série de notícias sobre as fraudes nos cartões eletrônicos de vales-transportes começa por uma denúncia no uso ilícito desses vales, por parte de usuários, funcionários das empresas de ônibus e grupos que intermedeiam a negociação dos vales. A reportagem foi feita em parceria com a rede de televisão Bandeirantes, criando mais veracidade e credibilidade para o que é noticiado. O principal enfoque deste dia é na questão do número de escritórios no Rio, que fazem a compra e descarregam os cartões,

⁴⁶ O Dia, 06/11/05.

nas formas de negociação e nas punições para os vendedores e para os compradores dos cartões. A identificação dos usuários que utilizam os vales ilegalmente e as viações que participam do processo de fraude também foram noticiados. O jornal O Dia e a Band usam um repórter disfarçado para fazer uma negociação com os escritórios, envolvidos nas fraudes. Uma *suite* sobre o uso dos cartões eletrônicos também foi utilizada.

No segundo dia de notícias sobre os cartões eletrônicos, é a vez de destacar a reação das cooperativas de transportes alternativos – as *vans* – com a extinção dos vales de papel e adoção dos vales eletrônicos, que sé podem ser usados em ônibus. Os motoristas de *vans* começaram uma campanha pela venda do *vanpel*, o vale-transporte que poderá ser usado em transportes alternativos e que ampliariam o número de passageiros. A matéria também enfatiza o medo que os trabalhadores têm em utilizar o Riocard, pois a quantia de dinheiro creditada no cartão pode aumentar o número de assaltos nos ônibus. A matéria também dá continuidade a negociação do repórter disfarçado, que descobre qual é o benefício dessas empresas e como são os cartões são descarregados. Um indício da narrativa está presente na seguinte afirmação do jornal, que descrevem os escritórios onde os cartões podem ser negociados: “Câmeras por todas as partes, portas de aço, grades e até seguranças munidos de rádio. Os escritórios que negociam RioCard mais parecem fortalezas.”⁴⁷ A gradação e o uso de adjetivos na frase são típicos de linguagem literária.

Na notícia seguinte, O Dia publica que a polícia vai começar a “caçar” os fraudadores, sejam empresas de ônibus, escritórios particulares e usuários dos transportes coletivos. O clima de indignação se instaura no jornal com a denúncia de que muitos dos envolvidos são os rodoviários e os empresários de ônibus, que deveriam justamente fiscalizar e garantir o funcionamento do serviço dos cartões eletrônico. O jornal explica que mesmo em fase de implantação, a fraude se estende também aos vales criados pela cooperativa das *vans*, que já negociado no “mercado negro” da negociação de vales-transportes.

A seqüência de informações continua com reação da Federação das Empresas de Transporte, que começa a determinar rigoroso controle para quem for checar o saldo de créditos dos vales, através de fotografias e cadastros. Depois de denunciar o

⁴⁷ O Dia, 29/05/06.

envolvimento de rodoviários, a matéria explica como cobradores utilizam os cartões negociados nos escritórios e ficam com o dinheiro da passagem.

A Delegacia de Defraudações é destaque na matéria seguinte, pois começaria a ouvir os membros da Federação das empresas de Transportes e de Passageiros do Rio (FETRANSPOR). Com os depoimentos, o delegado do caso afirma que terá condições para identificar onde, como e quando os créditos foram descarregados, ajudando a descobrir quem são os envolvidos nas fraudes.

Dois destaques no sexto dia de notícias: a investigação dos usuários de RioCard que venderam seus cartões aos fraudadores e a publicação de um informe publicitário da FETRANSPOR sobre a implantação, a eficiência e as facilidades do uso dos cartões eletrônicos de vales-transportes. Ao mesmo tempo em que o jornal publica uma matéria afirmando que as fraudes ocorrem pelo mau uso das pessoas beneficiadas pelo RioCard e pela conivência das empresas de ônibus, o jornal publica uma propaganda dos criadores do RioCard, valorizando os cartões eletrônicos, apresentando suas vantagens e os avanços tecnológicos utilizados não somente no Rio (onde as fraudes estão ocorrendo), como também em todo o Brasil, facilitando a vida dos usuários de transportes coletivos.

A história continua com a informação de que o serviço disponibilizado pelos escritórios de fraudes já criaram um esquema, que simplifica e dá segurança a negociação: o Disque-Vale. Através desse serviço, os cartões serão pegos por um *office boy* na casa do cliente, que também fará a posterior entrega do dinheiro e devolução do RioCard. Dessa forma, muitos escritórios criam um diferencial que faz aumentar as suas negociações e conseqüentemente, os seus lucros. A reiteração da denúncia feita pelo jornal O Dia ocorre durante todos os dias das publicações seriadas e foi colocada dessa forma neste dia: “Conforme O Dia vem mostrando desde domingo, o mercado informal de venda do RioCard é abastecido por 150 escritórios espalhados pela cidade. E já movimentam mais de R\$5 milhões por mês, só na capital”⁴⁸. Essas informações e números já foram divulgados desde a primeira notícia sobre o assunto.

Para finalizar, a última notícia vem com o seguinte título: “Prato cheio para o prejuízo” denuncia que além das fraudes nos vales-transportes eletrônicos, os escritórios também negociam a compra e venda de auxílio-refeição, trazendo um novo fator para a

⁴⁸ O Dia, 03/06/06.

narrativa. Assim, como nas notícias sobre o RioCard, os repórteres do jornal também simularam uma negociação com os escritórios.

4.2.3. O julgamento de Suzane Von Richthofen e dos irmãos Cravinhos

O terceiro caso de narrativas analisado se refere ao julgamento da jovem Suzane Von Richthofen – acusada de planejar e colaborar no assassinato dos próprios pais, Manfred e Marísia Von Richthofen – e do ex-namorado dela, Daniel Cravinhos e do irmão dele, Cristian Cravinhos – acusados de cometerem os crimes, com golpes de bastão, em outubro de 2002. Essa seqüência de notícias foi escolhida porque ela se estende durante a semana que precede os julgamentos, lembrando os acontecimentos, trazendo fatos novos ao caso e criando uma expectativa em relação ao desfecho da história: a punição para os três réus confessos.

A primeira notícia referente ao caso se refere ao *habeas corpus* concedido a Suzane para que ela aguardasse o julgamento em prisão domiciliar, na casa de seu advogado e tutor, Denivaldo Barni. O título da matéria “Suzane solta aos gritos de assassina” e o subtítulo “**Ré confessa** da morte dos pais em São Paulo vai aguardar julgamento em prisão domiciliar” (grifo do jornal) já ativam uma sensação emotiva e de revolta da população em relação ao caso. A notícia também traz uma *suite* sobre um *habeas corpus* que foi concedido a ela em junho de 2005 e que foi suspenso em abril deste ano, depois que a Justiça acreditou que ela poderia colocar em risco a vida do próprio irmão, Andreas Von Richthofen.

No dia seguinte, uma pequena notícia traz a tona uma polêmica: a autorização judicial para que o julgamento dos três acusados pudesse ser acompanhado ao vivo pela imprensa. Além disso, trouxe a informação de que o *site* na internet, onde eram aceitas as inscrições para os que gostariam de acompanhar o caso no plenário, havia entrado em colapso pelo grande número de acessos.

A terceira notícia da série nos aproxima da estrutura narrativa e de seus artifícios, pois se trata da análise de uma estudiosa do comportamento de assassinos, Ilana Casoy, que acompanhou a polícia no dia da reconstituição do crime. Ilana é também autora de romances policiais e escreve um livro que conta a história do assassinato do casal Richthofen, depois de quatro anos de pesquisa e mais de cem

entrevistas. Segundo a autora, o final do livro ainda não está pronto, pois ainda resta saber como terminará o julgamento; no entanto, o título do livro já foi escolhido: “O Quinto Mandamento, Justiça seja Feita”. Com essa matéria, o jornal associa diretamente o fato ocorrido com o casal Richthofen e seus assassinos à trama de uma narrativa policial. A abertura da matéria utiliza recursos de narrativa, contando o “passo a passo” da reconstituição do crime: “Suzane Von Richthofen faz sinal de positivo para que os irmãos Daniel e Cristian Cravinhos subam até o quarto e matem seus pais, Marísia e Manfred. Com o casal deitado na cama, os dois executam o plano com pauladas”. As fotos que ilustram esses acontecimentos também estão presentes na matéria, tentando tornar o relato verídico e provocando os sentimentos dos leitores.

Depois da polêmica gerada pela autorização dos meios de comunicação veicularem o julgamento, o Tribunal de Justiça de São Paulo proibiu a transmissão, atendendo um pedido da defesa de Suzane, que alegou constrangimento para a jovem. Outro fato relacionado ao julgamento tratado na notícia dizia a respeito dos jurados, que ficariam isolados do mundo externo, não podendo se comunicar com ninguém durante os três dias previstos para o julgamento.

Na véspera do julgamento, o jornal O Dia publica a reconstituição do crime, utilizando desenhos, fotografias, horários e explicações sobre diversos detalhes daquela noite. Entretanto, é na linguagem que o jornal utilizou, que podemos encontrar características de narrativas. “Anatomia de um assassinato covarde”, “Capítulo final de um crime” e “Três dias de duelo de teses” são as manchetes que utilizam adjetivos e expressão lingüística para tratar o assunto com mais emoção e dramatização. A matéria foi estruturada em duas páginas: na primeira, a reconstituição com fotos e uma *suite* sobre o crime – relembrando e reforçando os dados chocantes sobre o assassinato; na segunda página, o jornal explica como será o julgamento, onde cada envolvido deverá se posicionar no tribunal e quais os argumentos serão utilizados pela defesa e pela acusação.

No dia do julgamento, o jornal publica uma matéria sobre as versões do crime que cada réu deverá contar e como os advogados estão trabalhando no caso. O início da matéria propõe uma história com duas possibilidades de final: “Assassina fria e calculista, capaz de planejar a morte dos próprios pais por dinheiro, ou uma menina inocente, vítima da paixão alucinada pelo homem com quem perdeu a virgindade?”

Estes são os argumentos de acusação e defesa e na seqüência dessa narrativa, portanto, a justificativa que foi aceita pelo júri será o desfecho da história de Suzane.

Na última notícia da seqüência narrativa envolvendo Suzane von Richthofen, o jornal publica o seguinte *lead*:

O cenário no 1º Tribunal de Barra Funda, em São Paulo, estava pronto, mas o crime que chocou o País, em outubro de 2002, por seu roteiro macabro e cruel se arrastará agora em um novo capítulo, depois de uma manobra da defesa para adiar a sentença dos três assassinos confessos do casal Manfred e Marísia Von Richthofen.⁴⁹

O julgamento foi adiado e o jornal, através desse lead e da continuação da notícia, mostra para os leitores um sentimento de revolta, gerado pela impunidade, pelo desrespeito dos advogados e pelas leis frágeis que são usadas no Brasil.

⁴⁹ O Dia, 06/06/06.

5. CONCLUSÃO

A comunicação é decisiva para a socialização dos homens e para a formação de uma dinâmica sócio-cultural. As técnicas e estruturas utilizadas pelos homens no processo comunicativo variaram ao longo dos anos, sempre buscando um enriquecimento e uma valorização daquilo que é transmitido nas trocas de conhecimentos, experiências e informações. Mesmo que muitas vezes, as escolhas dos homens reforcem as características fictícias e míticas ou os discursos simbólicos, é impossível negar que a comunicação tem sido fundamental para que os homens percebessem a sua existência no mundo e dessa forma, pudessem transformar as suas realidades.

A imprensa foi um dos principais meios encontrados pelos homens para transmitir e discutir fatos e estórias. Essa possibilidade de adquirir informações e conhecer os acontecimentos do mundo através do jornalismo, situa os homens e estabelece memória e valores sociais comuns. O jornalismo funciona como um intermediário entre os interlocutores, facilitando as trocas de informação e aproximando diferentes realidades. Considerando os diversos meios de comunicação – jornal, rádio, televisão, internet – percebemos que todos eles valorizam a transmissão de informações e a divulgação das notícias, ou seja, a construção dos fatos relevantes ocorridos no mundo.

Se por um lado, o jornalismo impresso se baseia no eixo da informação, por outro percebemos que ela também produz discursos que formam e convivem no cotidiano dos homens. De acordo com cada estilo, o jornalismo utiliza técnicas e regras que apresentam características de objetividade e subjetividade. O *lead* facilita e dinamiza a leitura, e é utilizado para proporcionar o maior número de informações factuais e neutras para os leitores. Enquanto isso, o novo jornalismo mistura regras de manuais de jornalismo com recursos estilísticos da literatura, formulando histórias menos objetivas e com doses de fantasia; porém esses artifícios não negam a real existência de um fato, apenas concedem a eles, um simbolismo e uma subjetividade que conquista e seduz os leitores.

Com os mesmo objetivos, a narrativa do cotidiano, usada especialmente em jornais populares, também modifica a estrutura das notícias e constrói os fatos de forma

que eles prendam a atenção dos leitores e mexam com as emoções e os sentimentos dos mesmos. Os jornais populares, já acostumados com a necessidade de atrair os leitores com histórias cativantes, são os que mais utilizam as narrativas do cotidiano, divulgando sentidos e valores através delas.

Podemos considerar que o jornalismo tornou-se a grande narrativa do mundo atual, que transmite experiências, vividas ou observadas, transforma e mantém a dinâmica social, consolidando-se como um dos meios de transmissão de informações mais complexos e influenciadores da atualidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto; MOTTA, Luiz Gonzaga. Notícia e Construção de Sentidos: Análise da Narrativa Jornalística. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXVII, n.º2, Julho/Dezembro, 2004.

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FILHO, Adelmo Genro. *O Segredo da Pirâmide*. Porto Alegre: Editora Ortiz.

FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. Narrativas Midiáticas e Experiência Estética. In: *Ícone, Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Federal de Pernambuco*. Volume 3 - n.º5, Julho, 2004. Recife: Editora Contraluz, 2004.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (org.) *Teorias da Comunicação. Conceitos Escolas e Tendências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MESQUITA, Mário. Teorias e Práticas do Jornalismo - da era do telégrafo ao tempo do hipertexto. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXVIII, n.º 2, Julho/Dezembro de 2005.

MOUILLAND, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.) O jornal; da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma Antropologia da Notícia. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo - Volume XXV, n.º2, Julho/Dezembro de 2002.

PAIVA, Raquel. Jornalismo Comunitário: Uma Reiteração da Mídia. Texto inédito enviado para NP Jornalismo - Intercom, 2006.

PAIVA, Raquel. SODRÉ, Muniz. Sobre o fato e o acontecimento. In: *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.º6. Primavera de 2005.

RODRIGUES, Mônica Soares; SANTOS, Gustavo Martins. *A Mudança de O Dia*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1988.

TALESE, Gay. *Fama & Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. A Tribo Jornalística - Uma Comunidade Interpretativa Transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.